



João Gilberto Noll

Harmada

ROMANCE



NOVELLA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

João Gilberto Noll

harmada



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Noll, João Gilberto, 1946-
N729h Harmada [recurso eletrônico] / João Gilberto Noll. - 1. ed. - Rio de Janeiro:
Record, 2013.
recurso digital: il.

Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 9788501100542 (recurso eletrônico)

1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

13-04347

3ª edição (1ª edição Record)

Copyright © by João Gilberto Noll, 2013

Capa: Victor Burton

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 9788501100542

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Aqui ninguém me vê. E eu posso enfim me deitar na terra. Aproveitar a terra que virou lama depois do temporal.

Algo se choca com o meu ombro. Levanto a cabeça, me viro de barriga para cima. Ao meu lado, uma bola de futebol. Logo ali, um garoto — sim, o dono da bola.

Com urgência pego a bola. Olho para o garoto sem a menor vontade de me levantar. Estou ali, deitado na terra, todo enlameado, e olho para o garoto que vê a sua bola de futebol presa nas minhas mãos.

Ele me olha e a sua expressão não parece emitir nenhum sinal de espanto por me ver nesse estado em que me encontro.

— O que há, garoto? — pergunto.

— Nada, é a minha bola...

— O que tem a sua bola?

— Ela está aí — ele aponta na direção das minhas mãos.

— Ah, aqui...

Olhei para as minhas mãos, joguei a bola.

O garoto abraçou-a.

Eu me levantei.

— Hoje machuquei a perna numa pelada, preciso de um curativo antes de dormir, não enxergo direito a ferida, é aqui atrás.

O garoto esvaiu esta informação maquinalmente, como se não se interessasse muito por ela, como se ela estivesse sendo dita tão só para tapar um buraco.

Pois resolvi levar a sua informação a sério. Me curvei, apertei a barriga da perna do garoto, perto do ferimento, ele exclamou um ai, respondi que não era quase nada, olhei para cima, vi uma ponta de indiferença no seu ar, em volta dele havia como que uma auréola alaranjada, o sol nascia no horizonte de um rio qualquer por ali...

— Um rio qualquer — murmurei distraído.

— O quê? — ele perguntou.

— Um rio qualquer — repeti.

— Nadei bastante antes da pelada — ele falou.

Voltei para bem próximo da ferida do garoto, saboreei o gosto meio repulsivo da boca vazia, e soltei uma cusparada bem no centro da ferida.

— Isso é bom — afirmei resolutamente —, os povos da Mesopotâmia tratavam assim as suas feridas, isso é muito bom.

O garoto apertou os olhos, mordeu o lábio inferior, dobrou a perna e olhou para trás.

— É você curar com o que lhe vai dentro, na Mesopotâmia era assim — insisti.

A partir daí o garoto como que se esvaziou, ali, na minha frente... O seu corpo continuava inteiro, sim, inclusive a sua ferida e tudo mais, mas ele parecia oco, sei lá, o que sei é que ele só fez andar — entrou por uma trilha no meio do matagal, deixando atrás de si umas pegadas que um vento miúdo veio logo apagar cobrindo as marcas dos tênis com folhas mortas, relvas secas, pedaços de gravetos...

Ouvi o ruído minúsculo de gotas que poderiam estar pingando em algum espelho d'água, às vezes o ruído era mais seco, espetado, parecendo o de uma gota se chocando com a superfície de um zinco, quem sabe de uma lata — fosse onde fosse tinha o timbre agudo, a duração certa, e poderia me acalmar.

Foi então que decidi me enrodilhar em volta de um tronco... e adormecer.

De vez em quando sentia na pele a picada de algum inseto, aplicava então um tapa no local, abria os olhos, dava de cara com uma fenda meio lúgubre que ia aos poucos devorando o interior do tronco, mas eu não mudava de lugar, preferindo sujeitar ao meu cansaço qualquer inconveniência que pudesse aparecer naquele matagal; sonhei não recordo com nitidez o quê, recordo que uma força informe conseguia me tragar, e que embora a princípio amedrontado, isto que me expelia de mim não me tornava propriamente um trãnsfuga mas me dissolvia dentro de uma espécie de passagem que era quente e lembrava, não sem um assombro, o gozo sexual, e tanto isso é verdade que acordei no instante exato de uma poluição. Quis confirmar, e toquei na virilha melada.

Agora eu me desvencilhava do matagal e tudo me pasmava um pouco, eram aquelas unhas que eu via como sendo minhas, as mãos abertas, os dedos esticados, aquelas unhas enormes como se não as cortasse havia meses, quase não reconhecia mais aquela casa para onde nesse instante eu parecia me dirigir, ali, a poucos passos, bem poucos, é você?, ela disse assim que me viu abrindo a porta, as mãos sobre a mesa, os cabelos loiros escorridos, Sandra, sabe Sandra, eu falei, sabe, estou precisando de um banho, olha, e uma canção manhosa começou a tocar, acho que na vizinhança, e eu

poderia dizer o vento, eu poderia dizer a bruma, eu poderia dizer o que mais?, que eu viera cheio de presentes, que era só voltar no carro e pegar, mas a minha aparência estava escura da terra e eu disse que precisava tomar um banho.

Quando passei pelo quarto vi que lá dentro havia um homem, sentado na cama. Parei. Fechei a porta atrás de mim. O homem fez menção de se levantar.

Abri a porta louco para rir.

Voltei para a sala, quando o que eu precisava fazer era entrar no banheiro e abrir o chuveiro. Sandra pintava um quadro na sala. Cheguei perto, havia por ali um pano todo sujo de tinta, limpei a boca com ele.

Eu não saberia descrever aquela casa, não tinha nada nela que valesse muito a pena, salvo talvez aquela mulher pintando a tela onde se formavam sombras que pareciam cheias de eletricidade. Foi isto o que eu disse:

— Parecem carregadas de eletricidade essas sombras.

Peguei uma roupa que eu esquecera meses atrás num canto da sala, uma ducha fria para me limpar e matar o calor, isto era bom... um lenhador, um homem barbudo no outro lado do basculante do banheiro, boné amarelo com dizeres que eu não conseguia ler, ele tentava derrubar a machado uma árvore ressecada, palheiro parado na boca..., mas este banho, eu pensei, olha só o caldo escuro que escorre...

Eu poderia rir, e foi isto o que se deu, eu ri. Não, não foi na frente do espelho, não foi dentro daquele banheiro, foi no bar onde eu estava agora, apoiado a um balcão, conversava com o rapaz que atendia, ele contava que acabara fazendo pouco o seu serviço militar.

— Ah — falei —, eu não, a única vez que entrei num quartel foi no dia do alistamento, aquela fila enorme de homens pelados, e ao chegar a minha vez eu disse para o doutor: perdi o meu olho esquerdo brincando de pirata na infância, este que trago é de vidro, o guri espetou a espada de madeira na minha retina e eu vi o sangue brotar, a princípio nem doeu. Ele mandou que eu entrasse na fila dos isentos por insuficiência física e mental.

E foi aí que ri. Eu ri e o rapaz pareceu rir um pouco também. Aliás, na verdade nem lembro direito se o rapaz riu ou não, sei que enquanto eu ria notei um cara sentado perto de mim, com o cotovelo sobre o balcão, e o cara parecia a fim de rir comigo, parecia pelo menos, talvez por ele expor um ar acumpliciado, mas fosse lá o que fosse o homem estava ali a esboçar alguma coisa que, para alguém de boa vontade, poderia significar o preâmbulo de um riso, talvez, e ele não me pedia companhia, não era bem isso, mas alguma coisa nele lá no fundo dava a entender que ele esperava uma chance, e que esta chance, ali, só poderia vir de mim, de mais ninguém.

Relampejava, nós dois caminhávamos por uma estrada de terra, e ele me oferecia um lenço, que parecia branco debaixo daquela noite escura, para que eu limpasse o suor que me entrava pelos olhos, o seu ele acabara de limpar com o lenço que me oferecia agora, o homem expressava à sua maneira um gesto de solidariedade, ali, a me oferecer o lenço empapado do seu suor, agradei, lhe devolvi o lenço e puxei a gola da minha camisa, com ela limpei o suor da testa, nariz, queixo, o homem tinha um defeito na perna, ele mancava, não mancava tanto a ponto de eu ter de diminuir consideravelmente a velocidade dos meus passos para que

podéssemos ir lado a lado, não, eu caminhava normalmente, ou quase, ele puxava da perna naquela marcha média e nada ali lhe parecia pesar muito, até que nos embrenhamos por um matagal úmido, escorregadio, o que lhe dificultava, claro, o andar, o homem num determinado momento chegou a pegar em mim para não cair, um bicho urrou lá dentro do matagal, perguntei o que era para testar a sua familiaridade com o ambiente, ele respondeu que era um subá, como?, interroguei, subá, uma ave noturna, ele disse, nesse instante já estávamos à beira de um rio levado por uma correnteza, uma frondosa copa de paineira sobre nossas cabeças, e lá, na outra margem do rio, na ponta de uma alta e íngreme ribanceira um homem pescava com um anzol, não se via quase nada dele, a não ser que usava um chapéu e uma capa escura quase até os tornozelos, o homem manco ao meu lado me disse olha lá, é ele, ele quem?, perguntei, está sempre ali pescando à noite, o homem respondeu, fale baixo, não faça barulho, o manco disse, e o homem que pescava de repente ficou meio alumiado por um luar que rasgava as nuvens agourentas e começava a se mostrar superior ao iminente temporal, alumindo um pouco aquele rio, a correnteza, o manco, o homem que pescava, e eu me indaguei, será que vamos ficar por aqui por uma noite toda?, e súbito me veio que indagar qualquer coisa sobre aquela noite ali não teria proveito prático algum, não levaria a ocorrências precisas, nem as evitaria, o certo é que eu estava ali, acompanhado daquele indivíduo manco que andava pela margem da correnteza do rio, como se quisesse se afastar do raio de visão do homem que pescava, sim, eu estava acompanhado daquele indivíduo manco, que andava sim pela margem da correnteza do rio, me obrigando a segui-lo, mesmo

porque não era nada inconveniente que assim fosse, eu segui-lo em vez de ir para outras... como por exemplo voltar para o bar, me sentar, me apoiar no balcão, ouvir o rapaz falando sobre o seu serviço militar, não, não havia nada de melhor a fazer do que continuar ali seguindo aquele indivíduo manco pela beira da correnteza do rio que agora cintilava aqui e ali com a luz da lua, e eu poderia evocar algum suposto familiar distante, um ancestral desaparecido na poeira do tempo, um amigo submerso na memória, eu poderia evocar qualquer figura em quem pudesse me apoiar, para que me sentisse menos estranho com aquele estranho que mancava e ia ali na minha frente, mas não, estava bem desse jeito, eu um estranho, ele um outro, eu conhecia ali um estado de puro desprendimento, uma coisa assim, sem hesitação.

Chegamos a um ponto em que o rio fazia uma curva e não se via mais muito bem para onde continuava o seu curso. Havia a lua, a lua que clareava um bocado tudo por ali, e se eu espichasse o pescoço talvez pudesse divisar um pedaço satisfatório do trajeto da correnteza em frente. Mas era uma curva séria, fechada, e o manco resolvera enfim parar, como se evitando o que viria além daquela curva.

Pois então ele parou. E começou a se despir. Pediu que eu fizesse o mesmo, que eu ia ver que beleza eram as águas do rio numa noite de tal calor, que o perigo da chuva tinha passado, ele queria só ver a gente naquela água, ouvindo o barulho da correnteza, metidos naquela água, assim...

Quando pronunciou o assim, notei que ele já estava nu, com água nos joelhos. Eu não tinha nada mais a fazer além do que eu começava a fazer ali: tirava a roupa, com uma consideração meio

maluca por cada instante desta operação de tirar a roupa: desabotoava cada botão da camisa como se desabotoar os botões da camisa fosse uma arte, digamos, milenar; abria o fecho da calça bem lentamente, como se só depois de abrir o fecho da calça eu passasse a merecer o prêmio pelo qual ansiara a vida inteira, e os sapatos então... escutei um leve suspiro quando vi os meus pés nus, ainda antes de me desvencilhar da calça massageei discretamente os dedos dos pés, e ao entrar no rio sabia que estava ali um banho de verdade, a água poderia ser chamada de fria, era um fato, pois uma correnteza não se deixa absorver pelo calor do sol, a correnteza em movimento contínuo e orgulhoso de si não dera trégua para o aparentemente imbatível sol daquele dia, sim, as águas eram frias, mas isto fustigava o meu sangue e o conclamava a não sei o quê, talvez a que eu entrasse mais e mergulhasse com severa determinação nas águas daquela noite.

Naquela rua luminosa ouvi um eco pausado, de um timbre radioso, movido, pensei, a uma luz ainda mais intensa que a da rua por onde passava, e vi que eu pertencia à próxima lufada de vento, e me preparei (ajeitei a gola da camisa, o meu cabelo) para me deixar levar... Não sei de onde vieram estas palavras, se da memória ou de uma febre momentânea, o que sei é que elas vieram à minha cabeça ao dar meus primeiros passos no fundo pedregoso do rio — lodoso em várias partes. O manco me acenava, me chamava com os dois braços, ele que já estava lá no meio da correnteza, e pensei que quando lá chegasse, bem perto dele, eu teria uma percepção esquisita não só daquele homem mas de tudo ali, o que me fez concluir que seria bom que eu chegasse logo lá, no meio da

correnteza, e que me acercasse enfim do que eu ainda não sabia dizer.

E ali estava o manco, o velho manco, aquele manco feio, desagradável na sua deformidade, nunca demonstrando a menor elegância para os movimentos, me chamando naqueles sinais enjoativos com os braços, sem aquela volúpia soberana da correnteza do rio, do rio cuja índole ignorava o sol, o céu, as estrelas e a lua, pouco se lhe dando nós dois ali a nos banharmos em suas águas, pouco se lhe dando até os peixes, os animais que deslizavam em seu ventre, ele era o rio em sua correnteza altiva, e aquele ali na minha frente, nesse instante já a poucos palmos, era o manco, este peso manco que agora me agarrava e me puxava e me trazia para junto dele, este manco que eu afastava com o desespero das minhas poucas forças, que eu afastava de mim quase à unha, aos berros também para fazer frente à sua gritaria louca, aquele manco que agora se agitava já apartado de mim, aquele manco que revolia a cabeça, os olhos, os braços, aquele manco que, repentino, sem que eu pudesse compreender, sem aparentemente ter quê nem por quê, aquele manco sim que, repentino, repito, e me deixando estupefato, sem ação, aquele manco que com um pluft!, um nada, sumiu, e que sumiu no fundo das águas porque aguardei um, dois minutos e ele não voltou, não sei se tragado por um animal ou puxado para o bojo de um buraco, não sei, só sei que nunca mais o vi, ainda mergulhei quatro ou cinco vezes, fui bastante fundo até, eu era levado pela correnteza no interior do rio, olhos abertos, nada que eu pudesse dizer é ele! — vim à tona já bem para lá da curva, as águas ali mais violentas, não titubeei, e com dificuldade alcancei a margem,

sôfrego, o coração a me sair pela boca, me sentei na barranqueira, olhei a lua, e retomei a respiração.

Fiquei assim por algum tempo, parado pensando nos últimos acontecimentos, tentando fazer um balanço sucinto daquilo que acabara de ocorrer, me perguntando se tudo fora composto mesmo por acontecimentos, por fatos que despontam na superfície dos segundos, dos minutos, daquela noite ainda nem tão avançada, ou se tudo não passara de um breve colapso entre a aparência e o íntimo das coisas, o que parecera ser talvez não fosse, aquele homem manco não desaparecera, talvez ele nem chegasse a ter sido, eu não sabia o que estava fazendo diante daquele rio em correnteza, debaixo daquele céu estrelado, daquela lua, aquilo tudo provavelmente nem existisse, era quem sabe uma secreção mental oriunda sei lá de que entranhadas motivações, era preciso — e comecei a jogar com esta ideia —, era preciso tão só que eu me levantasse dali, procurasse a minha roupa que não deveria estar longe, que eu a vestisse e então saísse do matagal, era preciso só isso para que eu enfim deixasse tudo aquilo para trás e pudesse esquecer para sempre aquele homem manco, dissolvê-lo no meu pensamento assim como ele fora aos meus olhos dissolvido nas águas daquele rio.

Ao me levantar senti leve tontura, algo como um distúrbio na espinha, como se corresse nela um talo ardente, algo que não era ao pé da letra um incômodo, mas aquela sensação mista, feita de uma perturbação que contém a latência de um desfrute... me levantei porém procurando não me prender a nada que não fosse ir até onde eu deixara as minhas roupas, a calça, a cueca, a camisa que eu encontrava sim agora, e que eu vestia pensando apenas

nisso: sair do matagal o mais depressa possível e soterrar no mais fundo de mim aquilo tudo que eu presenciara fazia pouco, não que me sentisse responsável pelo que quer que fosse, muito menos culpado, mas preferia, isto sim, que nada daquilo tivesse acontecido, eram imagens que sabotavam de alguma forma uma certa, como dizer, placidez, isto, placidez que eu vinha procurando nos últimos meses, depois daquilo que me ocorrera tempos atrás, quando então resolvi explorar esta região aqui à procura disto, disto que acabei de chamar de placidez.

E de repente vinha aquele homem manco, ele me trazia para a correnteza convulsa deste rio — irrompendo aí aquilo tudo...

Quando passei pelo trecho onde na outra margem aquele homem pescava com um anzol no alto da ribanceira, com um chapéu e uma capa escura parecia de náilon, quando passei por ali o homem já não estava mais. Parei. Olhei em volta, não tanto para tentar achá-lo por ali quem sabe ainda pescando, não... o que me atravessou foi uma desconfiança esquisita, quem sabe aquele homem sabia mais do que eu, e agora me espiava, me controlava, eu pensei.

Ao chegar na estrada notei lá no fundo uma construção bem iluminada nas janelas, trazendo na fachada em letras fluorescentes a palavra hotel. Me dirigi até este prédio que não tinha mais de dois andares, me olhei no espelho da portaria, vi que eu estava desganhado, cabelo e barba por fazer, a camisa rota, gravemente puída na gola, e vi também que precisava dar um jeito naqueles dentes arruinados principalmente na arcada inferior, aquela dizimação que me fazia mastigar apenas com os dentes frontais — e se estes fraquejarem com tanto trabalho?, foi a pergunta besta que ficou no ar.

Mas ali naquele instante nenhuma preocupação desta ordem deveria se firmar, pois saía música do salão que parecia existir contíguo ao pequeno saguão onde eu me olhava no espelho, cheguei até a pôr o dedo na língua para umedecê-lo e depois passá-lo pelas sobrancelhas, tentando deixá-las alinhadas. Eu assistira a isto muito tempo atrás num filme, o ator fazendo o mesmo na frente do espelho, como se estivesse se preparando para uma ocasião especial, um personagem talvez que não possuísse muito mais do seu corpo para oferecer além daquelas sobrancelhas alinhadas, mas não era triste não, havia uma promessa qualquer nos seus olhos inchados pela bebida, pois eles pareciam prontos para recuperar, não sei bem... talvez uma certa disposição, talvez o que chamam de luz.

À minha esquerda havia um cartaz contando de um espetáculo que teria no salão dali a minutos. O cartaz contava que era uma peça de um autor russo, chamado Yuri Dupont. Estranhei o sobrenome.

Paguei para a moça que vendia os ingressos, e entrei. As luzes imediatamente se apagaram, como se só estivessem esperando por mim. Uma cortina mal-ajambrada se abriu. No palco, a presença de duas mulheres. Depois vi que eram os dois únicos personagens da peça. Duas loiras entre os vinte e cinco e trinta anos, bonitas, bonitas mesmo, me impressionaram. No espetáculo elas faziam dois seres sem sexo definido, que se encontravam pela primeira vez numa estação de trem. Uma iria para muito longe, a outra ficaria no meio do caminho. As duas acabariam na mesma cabine do trem, e mais para o final da peça passam a ter uma relação sexual, não a velha e popular trepada, é claro, posto que eram seres sem sexo

definido; essa tal de relação sexual tinha uma insólita maneira de se expressar: uma de costas para a outra mas como se estivessem uma de frente para a outra, e deste jeito falavam entre si, se enterneciam, por momentos arfavam, como se uma alimentasse o olhar da outra face a face. Dois seres embevecidos no ato de amor que os unia, mirando no entanto direções opostas, como se o principal de cada um (inclusive o olhar), ao contrário da regra, se encontrasse nas costas, na nuca, sei lá, na bunda.

Me fez bem apreciar aquelas duas mulheres bonitas por um tempo. A sonoplastia atrapalhava um pouco, já que botava com todo o ímpeto em vários trechos um som insuportável de trem andando. Nos momentos de maior dramaticidade, lá vinha a máquina arrombar os ouvidos da plateia. Então só me restava ficar olhando com convicção redobrada as duas loiras.

À direita do salão havia um bar com algumas mesas, foi para este local que me dirigi assim que o espetáculo terminou. Sentei-me a uma mesa próxima à porta ao lado do palco, porta que imaginei uma saída dos camarins.

Eu já estava na terceira cerveja quando uma das loiras saiu de fato por aquela porta. Passou como se tivesse um motivo preciso para se apressar. Nem uma faísca de olhar na minha direção.

A segunda saiu minutos depois, saiu sem pressa alguma, olhando ao redor, parecia que para encontrar alguém conhecido; tempo necessário para que eu conseguisse me levantar sem qualquer alarde e calmamente pudesse cumprimentá-la.

— Olha, meus parabéns, gostei.

— Gostou? — ela trazia a mesma maquiagem incisiva do palco.

— Sim: há traquejo, há sorte, há espírito — eu disse me sentindo o mais ridículo dos homens, mas falei assim, acho, para ver se com uma frase idiota eu poderia pescar de um golpe o que fazia mover aquele cérebro loiro.

— Você fala sempre assim? — ela perguntou.

E ficamos ali conversando uns bons minutos, e de repente a convidei para sentar à mesa comigo. Ela aquiesceu. E conversamos tanto, bebemos tantas cervejas, desanuviamos tanto um as mágoas do outro, que, passado um tempo, estávamos de mãos dadas, sem que eu pudesse responder quem teria primeiro encostado a mão na do outro.

— Quer subir até meu quarto? — ela perguntou soltando uma despudorada risada.

— Sim, vamos — falei beijando suas mãos.

— Tenho alguns discos lá em cima, poucos mas que me acompanham há longos anos, seja lá por onde a nossa trupe excursiona eu levo as minhas músicas, como é o caso das *Variações sinfônicas* de César Franck — ela disse levantando-se, como a olhar para fora daquela circunstância.

E mais nada comentou até chegar no quarto. Sentamo-nos na cama e ela não vacilou, foi direta, sem rodeios:

— A minha colega de espetáculo anda vivendo esta questão: a peça que, como você viu, nos expõe um pouco, por vias tortas, às tentações do amor lésbico, infiltrou em minha colega pela primeira vez o desejo de ter uma mulher nos braços, sim, você perguntará, por que então vocês duas não...? Está bem, eu vou contar: já fui casada duas vezes, com ambos os homens conheci fases riosas etc. etc., mas tive lá as minhas amantes, confesso, este não é o

problema; o problema é que minha colega, embora sonhe fazer sexo comigo, só aceita tal situação na companhia de um homem; eu, ela e esse homem, é assim que ela quer. Então lhe pergunto: quer nós duas com você nesta cama, e já?

Toquei na minha virilha, senti que ela já era pura excitação. Eu estava ganhando um presente não sei de que deus, eu estava ganhando o mais formidável presente dos últimos tempos.

— Quer? — ela perguntava.

— Chama, chama ela — quase clamei, e comecei a me despir. Enquanto se despia ela batia com a mão aberta na parede forrada de papel, chamando, chamando loucamente pela colega que deveria estar no outro lado da parede, é claro.

— Amanda, venha, venha que encontrei um homem para nós duas, venha, meu amor, venha!

Não demorou muito, uma porta que eu notava pela primeira vez, uma porta que deveria dar para um outro quarto se abriu, e apareceu Amanda de vestido rosa transparente, tendo um dos seios para fora, farto, como se estivesse amamentando.

Abruptamente me veio a confirmação. A loira que me levara até aquele quarto me contou:

— Amanda teve uma criança há pouco, ainda está amamentando.

Ela me deu a informação já completamente nua, a me pegar no pau, roçando seus lábios carmim pelo meu peito.

Amanda começava a se despir. Extraiu a última peça, a calcinha, numa rapidez fulgurante, como a representar, e veio para a cama, e entrou a agarrar e beijar sua parceira de espetáculo, mordida seus seios, a nuca, lambia entre as coxas.

As duas estavam ali, a fazer um amor descabelado, ruidoso, frenético. E eu?, eu me masturbava, me masturbava desejando sobretudo alisar, bolinar a bunda gloriosa de Amanda, aquela bunda já toda lanhada pelas agudas unhas da outra.

Eu me masturbava todo olhando a gloriosa bunda de Amanda, olhando o corpo inteiro de Amanda, Amanda não poderia ser melhor, os seios grandiosos de quem amamenta, a cicatriz recente e ainda túrgida no baixo-ventre, com certeza de uma cesariana, e fui me aproximando dela, bem devagarinho, enquanto as duas se beijavam gulosamente na boca e nem me notavam, fui me aproximando e num bote tirei Amanda dos braços da outra e comecei a comê-la com tal fúria que deste momento em diante já não me lembro de mais nada.

A lembrança começa a ganhar alguns contornos mais precisos a partir do ponto em que estou a sós com Amanda já no quarto dela, enquanto a menininha de alguns poucos meses dorme no berço perto da janela.

Passo lentamente o dedo indicador pela cicatriz rosada de Amanda. Ela diz que é bom o que está a sentir com o meu dedo passando com aquela suavidade pela sua cicatriz. Fala que se excita pouco a pouco com o meu dedo passando por um lugar do seu corpo onde há pouco houve um corte aberto, deixando as vísceras à mostra, um corte por onde passou uma criança.

— Eu sentia uma dor, dor fininha, não estava sob anestesia geral, olha, vê como já fiquei molhadinha de tanto que é bom este teu dedo passando pela minha cicatriz, vê!

Fui por cima dela, mas desta vez sem sombra de fúria, puro langor. Seus seios intumescidos apresentavam aquelas linhas de

veias azuladas, e seguir calmamente o itinerário de cada linha, seus trechos sinuosos, de repente retílineos, se transformava numa distração astuta, pois era um jogo que quase sempre provocava gemidos em Amanda.

Estava eu ali, a saborear aquelas endiabradas sequências sobre a cama de Amanda, quando abriram uma porta, aquela porta que levava ao quarto da outra loira. Pois era a outra loira sim, e ela entrava no quarto da parceira acompanhada de um homem, um cara alto, mais ou menos na faixa de idade das duas. Ele disse:

— Olha, companheiro, não estou aqui por acaso. Sônia comentou a seu respeito, e não vejo por que também eu não possa entrar nesta festa.

Sônia veio a mim, inclinou-se e enfiou uma camisinha no meu pau, que estava ali, sem fazer feio, pois não murchara com a presença dos dois.

Amanda quase ganindo as palavras:

— Oba, nós quatro faremos um carrossel, o mais louco carrossel das eras!

E dizendo isso apontou para o pau do recém-chegado, como se o mostrasse para mim. Parecia estar tão completamente duro quanto o meu. Mas o dele não usava camisinha. A camisinha no meu certamente fora uma ideia do cara — concluí com alguma displicência.

Sônia o apresentava como diretor do espetáculo. Ele sorria em minha direção com aquele pau completamente duro. Olhei para o meu, notei que ele se mantinha duro, de tão duro até rasgara a vagabunda camisinha que me fora dada, mas o que interessava mesmo era aquilo ali, dois paus um de cada lado, as duas garotas

soltando risadinhas histéricas nas margens do espetáculo, olhei cada uma nos olhos, elas gritavam para mim vai, vai em frente, sacudiam as mãos, e eu olhei mais uma vez para o pau do homem, meti os olhos ali, apalpei o meu que continuava duro, olhava fixo em direção ao pau do outro, as garotas gritavam, em frente, em frente, as minhas mãos suavam, as garotas as seguraram como se estivessem me dando uma força num momento delicado, ouvi ressoar na minha cabeça uma voz estranha, imperativa, trovejante a me ordenar que andasse de uma vez em frente — foi quando a criança no berço começou a chorar a plenos pulmões.

Amanda levantou-se da cama, fez um gesto para que não parássemos, outro para dizer que ela não demorava, e foi olhar a pequena.

— Princesa, princesinha — ela sussurrava para a filha.

Olhei em direção ao berço, e vi Amanda debruçada sobre o bebê, a gloriosa bunda virada para nós, ainda com os pequenos lanhos fabricados por Sônia, Amanda tentando carinhosamente enfiar a chupeta na boca irrequieta da criança.

Nós três ali sobre a cama esperávamos a volta de Amanda de seus afazeres maternos, mas naquele momento a esperávamos não mais do que pela sua companhia, nada mais que isso, alguém com quem pudéssemos agora conversar, um cafuné se tanto.

Nós três ali esperávamos Amanda sobre a cama a nos espreguiçar, os sexos em repouso, a respiração novamente vadia, o sangue tornando a correr manso.

Amanda voltava agora para o nosso convívio na cama. Amanda sorria, e uma chuva tamborilava em alguma coisa por ali.

De manhã quando acordei Sônia e o cara não estavam mais no quarto de Amanda.

A criança balbuciava no berço; Amanda, de pé, olhava pela janela.

Peguei a criança, trouxe seu corpo muito, muito miúdo para junto do meu peito. Foi o bastante para a criança vir com as mãozinhas e a boca à procura dos meus mamilos, ela está com fome, falei olhando para Amanda, Amanda riu, pediu que esperássemos para ver se a menina chupava o meu mamilo, não Amanda, não, estou suado, retruquei, Amanda soltou uma risada e pegou a criança, ela se chama Cristina, disse Amanda no meio da risada.

— Cris, não gosta de Cris?

— Gosto, Amanda, gosto sim.

Eu olhava agora pela janela. Daquele mesmo quarto de hotel. Mas Amanda e sua trupe já tinham partido. Continuariam a excursão, como diziam, levando o espetáculo por várias outras cidades do interior. Há quantos dias Amanda se foi?, me perguntei. Fiz os cálculos, há quase duas semanas. E eu ficara ali naquele quarto, e agora não sabia como pagar as minhas contas do hotel.

Botei uma perna para fora da janela, o quarto ficava no andar superior, senti um terreno firme, um telhado inclinado que saía para fora do prédio, deveria cobrir um galpão, algo do gênero, pois ali era a parte traseira da construção.

Olhei todos os quadrantes — ninguém —, botei a outra perna, quando eu pisava as telhas faziam algum ruído, mas nada que pudesse ser motivo de alarme, pulei, algumas galinhas que ciscavam em volta bateram as asas se afastando, e mais ninguém. Vozes animadas vinham do interior do hotel.

Ah, eu tinha um conhecido ali perto, trabalhava num terreiro de galos de rinha. Opa, ele falou descansando a mão no meu ombro. Havia por ali como que gigantescas bacias, por dentro forradas com um couro bem espesso — neste cavado se davam as brigas de galo. O meu conhecido entrava agora por um corredor estreito, meio sobre o escuro, de cada lado muitos galos enfezados presos atrás de telas de arame, cada um no seu cubículo. Pois é, ele falou no meio daqueles bichos ranhetas.

— Sei que você anda por aí dando sopa, não quer vir pra cá?, o homem tá pagando direitinho, não que pague grande coisa, mas tá pagando em dia pelo menos, que tal?

Lembrei em silêncio que eu acabara de fugir de um hotel perto dali. Certo, não há nada até agora que caracterize a minha saída como fuga, fuga será se eu não retornar por noites e dias. Mas, sei lá, alguma coisa em mim queria que aquela minha saída do hotel ficasse desde já caracterizada como fuga; e não se tratava mesmo de outro lance, eu não queria mais voltar àquele hotel, se possível não queria mais ver, passar por aquele hotel, eu queria botar para escanteio, de vez, a lembrança de Amanda, ela que chegara de repente, numa bela manhã, e anunciara que continuariam os três a excursão pelo interior, partiriam naquela tarde mesmo... e eu não precisaria mais do que um pálido convite para partir também e segui-los como um pobre cão — mas nem um pálido, nem um tímido convite brotou da boca de Amanda...

Eu disse para o meu conhecido, no meio daqueles galos de briga que apoquentavam os meus ouvidos:

— Olha, vou te confessar um troço, é a primeira vez, depois de muitos anos, que confesso isto: eu fui artista de teatro, conhece

teatro?, pois é, eu fui um artista, um ator de teatro. E, de lá pra cá, desde que abandonei ou fui abandonado pela profissão, não sei, desde então já não consigo mais fazer qualquer outra coisa, não é que não tenha tentado, tentei, mas já não tento mais, vou te explicar por quê: tudo aquilo que eu faço é como se estivesse representando, entende?, se pego uma pedra aqui e a levo até lá me dá um negócio por dentro, como se fosse trilhões de vezes mais pesado carregar esta mentira de carregar a pedra do que a própria pedra, não sei se você me entende, mas o caso é grave, acredite. Peguemos qualquer outra situação, não fiquemos só na pedra. Eu e você aqui sabe?, tudo isto que estou a te falar, não acredite em nada, é uma repelente mentira, eu não sou de confiança, não, não acredite em mim.

O meu conhecido piscava, ele só sabia piscar.

— Cuida dos teus galos — falei baixinho —, eles precisam de você.

Este calor, este calor, eu repetia sentado debaixo de uma sombra, nos arredores do terreiro de galos de rinha, enquanto passeavam em volta galinhas-d'angola, preciosidades do dono do terreiro. Este calor, este calor, eu repetia ali, sentado, conforme vi em estampas da minha infância, com um pedaço de pau na mão, escarafunchando na terra, tendo ao lado um formigueiro medonhamente grande, o sol quem sabe em seu zênite, o caboclinho da estampa da minha infância talvez fosse mais feliz, havia aquele sorriso das estampas da infância, sorri também, resolvi entrar nessa do sorriso, um sorriso esgazeado, um sorriso para tudo e para nada, e vi uma cobra serpenteando o formigueiro, me profilei automático, mesmo sem me levantar me profilei, e o sorriso ali, intacto, para tudo e para nada,

para a cobra inclusive, pensei, este sorriso vai para a cobra também, para a cobra este sorriso vai, vai sim, vai para essa imensa cobra que pretende se aconchegar aos meus pés — súbito bati com aquele pedaço de pau na cobra, duas, três vezes, quatro, paulada e mais paulada, e a cobra se partiu em dois, três, quatro pedaços, e o sangue em torno era escuro, quase preto, e a terra ao redor de mim, a terra como eu nunca imaginara antes tremeu, tremeu sim, tremeu no duro, de verdade, um tremor de terra, e deu para perceber que alguma coisa no alto ia despencar em cima da minha cabeça, e depois disso não me perguntem mais nada, porque de nada adiantaria mentir que vi, que remexi, que aconteci.

Mas querem saber de fato? Naqueles fulminantes segundos ainda arrumei tempo para pensar, como é?, não diziam que estas terras daqui estavam isentas pelo menos de terremotos, de tais cataclismos?, como é, não falavam assim?

Depois se fez um mortal silêncio, e o que posso antecipar é que torrei ao sol por dias e dias, o que me ocasionou feias queimaduras na testa, no peito (a camisa se rasgara), em meio a traumatismos e outros ferimentos.

De início, quando voltei a mim, todo queimado e ferido, avistei de cara uma fila num enorme descampado, isto, uma gigantesca fila com pessoas de olhar súplice, andrajosas, algumas com chagas como eu, destroços, crianças por ali saltavam obstáculos imaginários, extravasavam uma algaravia estridente que nenhum adulto ali parecia ter o tino em pé para contemplar, pois foi esta atividade infantil que me chamou a atenção de maneira mais frontal, não sei, aquela atividade insensata das crianças, aquela correria, aquele vozerio volátil enquanto a coisa grave baixa sobre os

homens, foi aquilo que me chamou, que me ajudou a sair do torpor... comecei a ver se eu conseguia me levantar, onde doía, até que ponto era a dor, e me levantei sim, andei, eu queria saber daquela fila no enorme descampado, se necessário entraria nela, seria mais um, esperaria a minha vez, chegaria na minha vez, e receberia também o que aquela gente parecia esperar.

Sabem?, a partir daí eu já falava despidoradamente com alguém — não, não havia ninguém aparentemente a me escutar no outro lado de mim, mas quando acordei do tremor de terra comecei a falar, a princípio sem me dar conta de que do outro lado de mim realmente vinha uma presença difusa que estava a me ouvir.

Não, essa audição informe nada respondia, mas dela emanava um latejar estranho, como se me engolfasse a cada vibração, de forma limpa, exata, não me permitindo dúvidas de que aquele movimento era como que a expressão possível de uma resposta, ou melhor, a expressão possível de um puro entendimento ao que eu dizia.

Esta representação invisível, é certo, deixava um gosto insuficiente, mas ela me fazia dizer, e repetir: cara, oh cara!

E foi falando com este aí que fui me levantando com muito esforço... as juntas, os ferimentos me doíam, mas eu falava com este aí, retinha os olhos nas crianças a brincar, e falava coisas como estas: está doendo, mas eu vou sair daqui, olha, estou me levantando, cara, estou indo lá naquela fila, vou perguntar para que ela foi formada, olha, não vou malbaratar esta rala força que ficou comigo, cara, pode acreditar, vou devagar, não vou desperdiçar nem um pouquinho o meu escasso alento, oh cara, vê como eu caminho, oh!

Perguntei para um velho todo inchado, sujo, esfarrapado.

Ele disse franzindo ainda mais sua face:

— Ué, você não sente fome?

— Não sei, faz pouco que vim a mim... eu ainda não sei...

— É que lá na frente eles estão distribuindo sopa, é a chamada sopa dos pobres — o velho falou passando um pano cheio de graxa no suor da testa.

A algazarra infantil em volta.

— Dos pobres — repeti com certo atraso.

— É, a sopa dos pobres — ele reafirmou.

Uma criança a correr abraçou as minhas pernas.

— Dos pobres — repeti mais uma vez, incrédulo.

— Dos pobres sim, meu filho, dos pobres — o velho falou virando-se para a frente, na direção de onde viria a sopa.

— E ainda não sei se tenho fome — eu disse, e fui me postar no rabo da fila.

Em dez, quinze minutos avolumara-se uma verdadeira multidão na fila atrás de mim. Para me proteger do sol pedi uma carona debaixo da sombrinha de uma velha com uma perna toda enfaixada, que ia justo na minha frente. Ia é modo de dizer, pois a fila parecia empacada. O sol dos inícios da tarde fazia a relva reverberar. Alguns corpos infantis, os menores, tremulavam inteiros no calor.

Me vi enfim diante do homem que derramava a concha de sopa em latas ainda com seus antigos rótulos — me coube um rótulo de pêssegos em calda.

— Mas a sopa acabou — ele disse ao me ver com a lata na mão.

Espiei para dentro do panelão. De fato, estava completamente vazio. E àquela hora eu começava a sentir um vácuo no estômago, a

tal fome.

— Quando distribuirão a próxima? — perguntei.

Aí o homem expulsou uma risada retumbante.

Então percebi por quê: vinha vindo outro panelão cheio do precioso líquido fumegante. O homem era dado a gracinhas. Se eu pudesse, murmurei para a presença invisível que passara a me acompanhar naquele dia: se eu pudesse — mas eu nada posso, e me recolho agora a este prato de sopa.

Um olho vazando remela me olha sorrateiro atrás de uma árvore. Um olho só, não vejo o outro escondido atrás do tronco. Vazando remela, mas agora percebo não se tratar exatamente de remela, aquele olho está é supurado, secreções sérias aumentam pelos cantos, e de repente aparece o outro olho, ele está em idênticas condições, são dois olhos doentes a me olhar, pertencem a um rapaz, agora vejo, um rapaz que, como eu, sorve uma sopa. Ele sai do esconderijo com o prato já vazio. Eu continuo sorvendo o meu ralo caldo de cenoura e nabo.

— Você não quer tratar dos ferimentos? — ele pergunta.

Pergunto quem poderia tratar deles. Ele me diz que ali perto, numa sala ao lado de uma igreja chamada Templo da Mansidão.

— Vou lá todos os domingos, e hoje é um domingo, vou tratar dos meus olhos, é tanta coisa que sai deles... a vista se apagando...

É assim o rapaz que está na minha frente. Termina a sopa, estico o braço, peço-lhe que me ajude a levantar.

E vou com o rapaz até o Templo da Mansidão.

Um homem falava para uma igreja repleta. Era grande a igreja, muito grande, quase um santuário, no meio de uma planície a se perder de vista, coberta de arbustos rasos. O homem falava:

— O trabalho remove a decadência que espreita. Sem o trabalho somos répteis a rastejar insanos no sentido contrário do tempo. Sem o trabalho os minutos nos encarceram para trás, como se quiséssemos encontrar uma infância que não pode medrar o seu futuro, estéril, quase a escuridão de antes de nascer. Sem o trabalho a nossa mão, que outrora talvez se incluísse nas operações da vida, toca na superfície enganosa do ócio, deixando-se engolir sem perceber.

Olhei a palma da minha mão com uma ferida arreganhada, vagamente obscena, olhei os olhos do rapaz com os vírus do mundo, e pensei se aquele sermão não seria especialmente para nós dois.

O homem agora conclamava os fiéis ao Cântico dos Enfermos.

Na saída do encontro religioso, a planície em volta recebia uma pancada de chuva, mas lá no horizonte o céu era azul, e à direita, de onde as nuvens pareciam vir, desenhava-se um pálido arco-íris.

— Quanto tempo nesta espera, quanto tempo — disse o rapaz descendo as escadas ao meu lado.

— É mesmo, quanto tempo — confirmei, sentindo um arrepio estranho na medula.

Entramos na sala onde os enfermos recebiam tratamento: auscultações, rápidas cirurgias de ambulatório, curativos, confissões renhidas próximas a frentes atentas. Crianças choravam pela sala ampla, atulhada de moléstias e fiéis.

Fizeram curativos pelo meu corpo todo, não me prescreveram nada. Falavam apenas no Pai. Este sim era mencionado a cada gemido, a cada ai.

— Ô Pai, ô Pai...

— Como? — indagou o homem que me fazia os curativos.

— Não, não falei — eu disse, sabendo que eu falara sim, mas tinha sido com o meu amigo ocluso, pois não queria perder aquela oportunidade de quem entrega seu corpo aos cuidados de outro para lhe falar alguma coisa, memorizar a palavra-chave daquele ambiente ali.

— Ô Pai, ô Pai — repeti sem exteriorizar, sentindo a surda vibração na garganta.

Não vi mais o rapaz que me levava até o Templo da Mansidão. Olhei por tudo, não o encontrei mais. Perguntei a uma moça que ficava sentada a uma mesa junto à porta. Não, ela não vira ninguém assim feito aquele que com certo esforço eu procurava descrever.

— Se por acaso for quem estou pensando agora — fechou ela de repente —, este rapaz não deve ter vindo hoje, pois desde ontem ele está completamente cego.

— Completamente cego, cara, oh cara — balbuciei andando na planície úmida pela chuva que passara.

Como há coisas que ainda não conheço, pensei. E próximas de onde vivo. Esta planície, por exemplo... E veio voando a toda, até chocar-se nas minhas pernas, uma folha de jornal. Peguei-a: primeiro a ergui contra o sol, como se almejando uma sombra; depois trouxe-a para junto dos olhos, bem junto — de uns tempos para cá as letras tinham se tornado meio aguadas, coisas da meia-idade.

Era uma página com anúncios de emprego. Pediam um homem que batesse à máquina, com experiência de serviços de escritório.

Escritório de um representante comercial. Seu ponto alto, representar uma firma de enlatados da capital, de Harmada, ele vendia esses enlatados para toda a região, um homem velho, pegou

a minha mão com fraqueza, mais uns anos aqui, nesta profissão, viúvo que sou, sem filhos, ele disse, e depois me aposento, vou embora para o mar, é de lá que vim...

Peguei o emprego. Batia cartas comerciais, relatórios de vendas, pedidos, e quando eu ia para casa — um casebre que alugara à beira da estrada —, à noitinha, eu abria latas de pepino, de salsichas, grãos de milho, e assim eu jantava. Depois ficava vendo uma televisão em preto e branco que o meu patrão arranajara, e depois... depois me masturbava vendo uma revista de sacanagem já muito manchada e desfolhada.

Uma mulher nada desprezível está na minha frente no escritório.

— Sim? — pergunto.

— Por favor, o senhor conhece este endereço aqui? — ela pergunta mostrando um papelzinho com o tal endereço.

— É aqui, é aqui, minha filha, é aqui. Quer falar com quem?

— Com o meu tio Alexandre.

— O tio Alexandre é o meu patrão, senta aí, ele não demora.

O tio Alexandre chega. Eles se cumprimentam com certa efusão.

Eles se retiram, vão para uma sala ao lado. Conversam a meio-tom, volto ao meu trabalho, toc-toc-toc nas teclas. Sou um homem, ela uma mulher, um minuto de meditação, estalando os dedos fatigados. Por que enfim não caso?

Jane é o nome dela. Todos têm um nome, é preciso proclamar o seu, o seu é... JANE!

Com Jane estou casando hoje, exatamente três meses depois de ela chegar e me apresentar o endereço onde nós dois nos encontrávamos naquele preciso instante.

Ela de véu, uma cauda de cetim. Eu, a esperá-la no altar, terno azul-marinho, gravata vermelha, oh cara, meu querido, meu amigo, meu irmão...

A marcha nupcial, e lá vem ela, e eu pego a sua mão, depois a festa ao ar livre, a região inteira acorre, dançamos uma valsa, *Ode ao verão* se chama, os convidados em torno aplaudem, eu me excito, meu querido, te conto, eu me excito, não sei como sair daquela dança com a virilha inchada mas saio sim, e levo a noiva, e aqui no meu casebre mais bem equipado agora pelo meu patrão, com cama de casal, liquidificador, panelas, um quadro na parede com as imensas alvuras dos Alpes, aqui, neste casebre, eu começo a despir a noiva com todo o meu elã, eu vou, lambidas pelo corpo, ela diz não, não meu bem, não, eu digo sim meu bem, sim, e sinto que a bocetinha dela se liquefaz, já é quase nada, é tudo eu clamo, e então como um pobre animal que já não tem mais nada a fazer senão gozar, sim, eu gozo meu amigo, eu gozo...

Não foram tempos de só-gozo aqueles que se descortinaram para mim a partir daquela noite. Mas, não devo negar, era comum nesta época sobrar no rabo das horas uma nesga qualquer de rutilância, de um brilho capeta, mesmo que não ultrapassasse uma nesga: a cada vez que eu ia no fundo do quintal estender na corda uma toalha do banho de onde eu recém saíra e olhava distraído para o ar em volta, principalmente se olhasse sem querer para o arvoredado que ficava além do quintal do vizinho — o quintal com suas galinhas, o porco, o cavalo cansado —, se eu olhasse ali para o arvoredado além do quintal do vizinho, sem querer, é claro, o arvoredado parecia responder, e uma ínfima forma ovalada, ali, no meio do verdume todo, resplandecia.

Mas esta festa secreta não se estendeu por muito tempo. O ar de repente parecia esmorecer um pouco, já não se suplantava.

Jane queria filhos. Encher a casa de filhos. E nada. Dois anos e meio, nada. Jane fez todos os exames clínicos. O problema não estava nela. Chegou então a minha vez.

Sentei diante do médico de jaleco branco. Eu detestava os médicos. Preferia ir para a sepultura sem que ninguém entendesse, guardando a doença só para os vermes, a ter de me enredar com aquele olhar pretensamente superior dos doutores, a ter de me sujeitar a análises clínicas, a ter de preencher guias de internação; se fosse para cair nas mãos de um médico, então que eu morresse antes, um minuto antes do cara lá com o seu jaleco branco pronunciar o laudo.

Mas foram tantas e tão exasperantes as pressões de Jane que eu estava diante de um médico naquele fim de tarde.

— O senhor trará o seu esperma neste vidrinho.

Cheguei em casa, Jane não estava, me fechei no banheiro. Sentei na privada, comecei a brincar com o meu pau, prepúcio para cima, prepúcio para baixo.

Jane chegou, entrou a bater na porta do banheiro, que eu lhe contasse a conversa com o doutor, tinha direito de saber.

O meu pau iniciou a inchar, dali irromperia o jorro que eu levaria para o doutor analisar, seria eu o estéril?

Jane berrava que ao menos não me fizesse de morto no banheiro, que se não quisesse contar a conversa com o doutor, que pelo menos lhe dissesse alguma coisa, um boa-tarde, um beijo ela já nem pedia mais porque era artigo de luxo atualmente.

O meu pau já não se apresentava tão grosso nem tão comprido como antigamente, já não ficava na posição tão certa diante da força gravitacional de uma boceta, coisas da tal meia-idade; mas, mesmo com Jane a dar bordoadas na porta, ele alcançara naquele banheiro o seu ápice, com esse jorro que vinha vindo eu ficaria sabendo enfim se a minha porra dava ou não no couro, se o mundaréu de espermatozoides que explodiria agora dentro do vidrinho poderia fabricar o meu herdeiro ou não, ai Jane, ai Jane, não me enche o saco Jane, gritei ejaculando dentro do vidrinho.

— O que você falou? — ela perguntou já em prantos, sem deixar as batidas na porta.

— Eu disse que Deus existe — falei limpando a cabeça do meu pau com papel higiênico.

Dias depois:

— Não há espermatozoides suficientes para a fecundação na sua cota espermática — proferiu o médico.

Passados uns três meses, o velho Alexandre, meu patrão, morreu. Cheguei no horário de sempre no escritório, me dirigi ao banheiro, a porta trancada.

— Tem alguém? — pergunto.

Ninguém responde. Bato, chamo pelo velho. Nada. Mais uma vez, e outra. Arrombo a porta. O meu patrão está ali, sentado na privada, recostado na parede, calça nos tornozelos, cabeça inclinada. Levanto a cabeça dele, os olhos duros nos meus olhos — parecem me pedir socorro. O corpo cai para o lado. Com esforço consigo devolvê-lo à posição anterior, sentado.

O velório. Jane segura um terço, levanto o lenço que cobre o rosto do morto. Abano a mosca.

Jane vai até a porta, e ali fica parece que a escutar o canto das cigarras. Ajeito uma flor no caixão. Sem querer toco no joelho do velho. Sinto vontade de urinar. Pergunto ao rapaz que toma conta da capela mortuária onde é o banheiro. Duas da tarde, e é tanto o calor que resolvo sentar na privada, tiro a camisa. Cochilo.

— Onde está o empregado do defunto? — ouço uma voz perguntar, e estremeço saindo do cochilo.

É o padre que chegou para encomendar o corpo. As velhas desfiam sua ladainha.

— Senhora das promessas assombrosas...

— Rogai por nós...

O padre fala. Por longos quinze minutos.

Pego uma das alças do caixão. Ajudo a carregá-lo. Não reconheço nenhum dos outros homens que o carregam.

Jane não chora. Percebo que olha sem muitos disfarces para um jovem que segurou uma das alças. O rapaz não deve ter mais de vinte anos. Uma cicatriz acima da sobrancelha esquerda.

Na saída do cemitério Jane entra no carro dele, um volks gelo, meio estropiado.

Em questão de horas perco o emprego e a mulher.

Vou para o escritório. Pego as minhas coisas, que não são muitas. Preferia não pisar mais naquela casa onde vivi com Jane. Mas resolvo ir, há ali duas, três coisas das quais não quero me separar.

Jane não está em casa. Só Deus sabe onde se meteu com o gato que me ajudou a carregar o caixão.

Deixei um bilhete para Jane. Poderia não ter deixado palavra nenhuma. Mas eu estava ali, a escrever aquelas desembestadas

palavras, que não fariam a menor diferença em canto nenhum do mundo em qualquer situação.

Antes de sair me olhei pela última vez no espelho do banheiro. Eu suava muito no pescoço e no peito. Uma gota de suor pendurada no lóbulo da orelha, como se um brinco. Eu era um homem por assim dizer sem nada que pudesse ofuscar: nem os resíduos de clareza de ânimo dos velhos tempos com Jane, nem uma tristeza supostamente natural para aquele momento. Eu via em mim naquela hora um homem sóbrio, tentando soprar para fora do meu ombro a poeira das intempéries que eu conhecera até ali.

Eu era aquele homem no espelho, eu era quase um outro, alguém que eu não tivera ainda a chance de conhecer.

Saí com uma velha maleta, um pouco menos que maleta, quase chegando a uma pasta.

Fui para a rodoviária. Sentei num banco. O gerente da rodoviária me viu, sentou-se ao meu lado. Era um homem conhecido na região, falavam que bicha. Ele disse: você está muito suado. Eu disse: sim, estou. Ele disse: a vida nos prega surpresas. Eu disse: o teor alcoólico das nossas definições é inegável. Ele disse: você quer um banho, uma cerveja?, eu moro aqui em cima, no próprio prédio da rodoviária. Eu disse: um banho sem dúvida, depois vejo quanto à cerveja.

Subimos as escadas que levavam ao seu apartamento. Ele abriu o chuveiro, mostrou quanta água a cair.

Eu estava reconfortado com o banho. Eu estava na janela. Lá embaixo um ônibus saía. O gerente da rodoviária aproximou-se da janela, roçou no meu braço como sem querer. Eu me fiz de desentendido.

— O que está acontecendo? — ele perguntou.

— Onde?

— Em lugar nenhum.

Bebemos cerveja. De porre deitei no sofá. A música tinha acabado.

Anoitecia quando abri os olhos. O gerente da rodoviária não estava mais ali. Fui até a janela. Torcedores do Eldorado entravam num ônibus, vários com a camiseta do time, alguns enrolados na bandeira verde e negra. Na calçada, um guri dos seus onze anos olhou para mim e cantarolou o hino, o verde portentoso explode na vitória.

Peguei a maleta, desci as escadas. Perguntei ao gerente da rodoviária para onde eles iam. Era um jogo importante para o Eldorado na cidade de Chaves, a poucos quilômetros dali.

Entrei no ônibus, uma gritaria só. Um vendedor passava latas de cerveja pelas janelas do ônibus.

Ali estava eu, menos de uma hora depois, naquele estádio... Um garçom com a camisa branca meio puída me oferecia o uísque que ele trazia numa bandeja, copos de plástico.

— Bota bastante gelo — pedi.

Eu sentado na geral. Havia uma grade que separava a geral das cadeiras. O garçom estava do lado das cadeiras, passava o copo para mim enfiando o braço entre as grades.

— Mais uma pedra — pedi.

Gol!, o estádio berrou e berrou. Olhei, era o terceiro gol do Eldorado, o outro time não conseguira ainda marcar nenhum.

O garçom virou as costas, foi atender outro freguês — não ouvira o meu pedido por mais uma pedra de gelo.

O Eldorado, claro, venceu. Aguardo que o estádio se esvazie para só então debandar. Uma chuva começa a cair, aliviando o calor.

À saída do estádio os meus pés pisam em barro. Vou até próximo de um lago, aqui, nas cercanias do estádio.

Me ajoelho no barro, me deito nele de bruços, o lado esquerdo da minha cara chafurda.

Depois me viro de barriga para cima. Abro a camisa de um golpe, arrancando os botões. Com supremos golpes de força rasgo o que resta da camisa, a calça. Há uma lua, eu vejo.

Agora me levanto, sei para onde ir. Uns passos mais, releio na porta frontal do pesado prédio: diz tratar-se de um asilo, de mendicidade, como chamam ali.

O homem fala para eu me sentar. Ele apoia os braços na escrivaninha.

— Por quê? — ele pergunta à luz mortíça de um abajur.

— Me descuidei, e acabei assim...

— Ah, então não há uma longa história de miséria na família...

— Não, o responsável sou eu.

— E a família...?

— Por favor... só hoje, peço um pouso só pra hoje...

— Está bem, o dormitório é a porta seguinte a esta. Cama dezessete, não esqueça...

Tomo um banho. Um rufar de tambores extemporâneo além da janela, já passa muito das onze. Depois, um clarim. Ouço um soluço perdido por ali, passos adiante ouço uma respiração difícil, um cochicho lânguido depois, quase no momento de eu entrar no dormitório uma voz que parece vir da ala direita do corredor murmura (os dentes como que trincados), murmura para que

alguém vá embora, a voz não se refere a nome nenhum — ela se dirige a mim? —, e a voz murmura, vá embora, não tire o lugar de um outro muito mais necessitado...

Um relâmpago entrou pela vidraça e tomou o dormitório inteiro. Só então percebi que não tinha uma única cama vazia. Fui como que atropelado por um suspiro, um suspiro dobrado, e adormeci.

Pois neste asilo fiquei por muitos anos.

Ao acordar no dia seguinte ao meu ingresso ali, não havia ninguém no dormitório. Soube depois que concluíram que eu estava doente, muito fraco, e me deixaram dormir por mais um tempo.

Eu usava um pijama verde com um número no peito.

Pois me levantei da cama, vaguei por corredores desertos, entrava às vezes em salas vazias, balbuciava: há alguém?

Depois de rondar e rondar por cômodos daquele prédio sem fim, acabei encontrando os indigentes todos que habitavam aquela casa num vasto refeitório, sentados um de cada lado junto a compridas mesas, velhos a maioria — me sentei na primeira cadeira vaga que vi, em frente a um velho que ficou me sondando com os olhos muito vermelhos, a barba toda salpicada de farelos de pão, vestígios de manteiga... Puxei conversa:

— O senhor sabe?, ouvi tambores ontem à noite, um clarim, vozes, soluços, mas nada, absolutamente nada disso consegui ver.

— Ah, você é novato, você é novato — ele disse com o timbre de baixo, sacudindo a cabeça, ameaçando um sorriso. — O seu nome? — perguntei meio sem jeito.

— Lucas...

— Seu Lucas... — falei expressando uma canhestra simpatia.

O homem que me abrira a porta na noite anterior eu não voltei a ver. Na manhã seguinte, no refeitório, me concentrei descrevendo para Lucas a aparência deste homem.

— Quem é ele? — perguntei.

— Um dos responsáveis daqui, sobretudo das horas noturnas... mas ontem de manhã ele partiu, foi viver a aposentadoria com uma filha que mora longe...

Eu e Lucas nos tornamos amigos. Ele me contava a sua vida aos bocadinhos, no refeitório às vezes, outras andando pelo arborizado pátio do asilo.

Lucas não fora sempre miserável. Passou por um gravíssimo momento: indo para seu escritório de advogado, no centro de Harmada, numa certa manhã de fevereiro, debaixo de um calor úmido, pegajoso, quase insuportável — ele dizia, rigorosamente insuportável para as condições biológicas de praxe de um humano —, nesta manhã, ao parar o carro diante de um sinal vermelho de uma esquina qualquer, apareceu-lhe um garoto a esfregar o vidro dianteiro, o garoto cuspiu no vidro e automaticamente esfregava ali um paninho de feltro para que pudesse em troca ganhar uns trocados, e o sinal passou para o verde e o garoto não saía dali, a esfregar aquele paninho de feltro no vidro dianteiro do carro, Lucas mostrava-lhe umas moedas mas o garoto não via nada, queria apenas esfregar aquele paninho de feltro no vidro dianteiro do carro, Lucas nunca soube explicar para si mesmo, ele me afirma trêmulo debaixo de uma frondosa árvore no pátio do asilo que nunca soube explicar para seus próprios miolos, mas vieram as buzinas ensurdecedoras por trás dele e o suor o encharcava inteiro, e ele puxou o nó da gravata, abriu os botões superiores da camisa e

arrancou o carro feito um homem que não sabe mais o que lhe vai por dentro, foi assim que ele disse, feito um homem que não sabe mais o que lhe vai por dentro ele arrancou o carro, passou por cima do garoto que morreu na hora esmagado pelos pneus traseiros, e quando Lucas disse esmagado pelos pneus traseiros, ele soltou uma ribombante gargalhada, como se essa gargalhada fizesse parte da história, como se ela entrasse sempre justamente aí, neste pedaço do garoto esmagado pelos pneus traseiros, porque assim como a gargalhada explodiu também desvaneceu-se, de forma abrupta, aloprada, e Lucas me contava agora novamente com a expressão grave, muito grave, como um promontório a contemplar o remoto mar que ninguém mais alcança, desconhecendo o palpitar de qualquer outra existência além daquilo que ele tinha a contar.

Subitamente ele rompeu com este tom:

— Meu filho — era a primeira vez que ele indicava na ocasião a minha presença —, meu filho, depois daí não consegui mais entender nem a mim nem o que eu via fora de mim, e me deixei prender, e me deixei mais tarde internar no manicômio judiciário, e tudo abandonei e todos me abandonaram e no fim da vida vim parar aqui, compreende?

Eu, na minha gasta meia-idade, estava entre os mais jovens do asilo. Por que me deixaram permanecer ali?, já que o destino dos que os administradores da casa chamavam de moços era quase sempre o de permanecerem no asilo por pouco tempo, até o instante em que os assistentes sociais conseguiam encaminhá-los para alguma situação fora daqueles muros...

Pude ir ficando lá dentro por uma única razão: na média de três, quatro noites por mês eu costumava reunir os albergados da

instituição para lhes contar, não raro lhes dramatizar o que eu dizia serem episódios vividos ou testemunhados por mim.

Esses serões aconteciam depois do jantar, no próprio refeitório. As mesas eram arrastadas para junto das paredes, as cadeiras então formavam fileiras de uma respeitável plateia. Eu subia numa escrivaninha bem antiga, forrada na parte superior com um tapete preto, e contava, contava o que a minha lembrança feroz conseguisse arrancar, como um trator que fosse rasgando o mato, por onde desse, aqui, ali, abrindo trilhas, limpando às vezes o terreno com meticulosa astúcia, até chegar naquela senda sucinta, espantosamente íntima, que conseguia iluminar de uma só vez o que fora relatado com tantas marchas e contramarchas até ali.

Eu saía esgotado desses relatos. Ao final, com certa precisão de gestos, eu pulava da escrivaninha, e logo ficava cercado pela minha audiência, queriam saber novos detalhes a respeito da história que eu acabara de narrar. Depois, entrava debaixo do chuveiro, a água fria me confortava, e então ia para a cama, eram as noites onde o sono caía com maior destreza, deitava e pimba: os meus olhos, ao contrário das noites maldormidas, se desfaziam com uma rapidez louca da visão de fora, não sendo incomum, nessas ocasiões, que eles no seu lado avesso recapitulassem a narrativa da noite, ponto a ponto, como se esta narrativa fosse um fluido que saísse de mim, fininho, em direção a um mundo ainda desconhecido, onde todas as histórias seriam protegidas da maresia do esquecimento, qual um arquivo do tempo.

Eu voltara a ser um ator, eu voltara a merecer, merecer aquela casa que me abrigava, merecer a passiva ingestão que me mantinha em pé.

A diretoria da instituição uma tarde me falou: com você os albergados reabilitaram um pouco da latência humana, com as tuas histórias muitos deles já não querem mais rolar como uma pedra, querem é participar desse esforço titânico que faz pulsar a duração das coisas.

E diante deste juízo dos dirigentes da casa eu ia ficando ali, ficando e me perguntando até quando, se até morrer, ou se o destino me reservava ainda direções insuspeitadas...

Nessa situação, certos colegas albergados, é claro, me endeusavam um pouco. Uma velha muito gorda e amalucada que estava sob aquele teto havia quase trinta anos me encontrou num passeio pelo pátio e perguntou:

— De onde você veio, veio de um homem e de uma mulher, feito eu, feito eles?

Eu disse que naquela noite contaria uma história a respeito das minhas fontes, que eu passara o dia todo refletindo sobre as minhas estranhas origens.

A velha se afastou relampejando as pupilas de excitação.

Eu, a bem da verdade, jamais preparava as narrativas que desembocavam pela minha boca. O rumo do desenrolar das tramas se dava só ali, no ato de proferir a ação. Aliás, detestava pensar previamente acerca do que teria a contar. Eu me deixava conduzir pela fala, apenas isso, e esta fala nunca me desapontou, ao contrário, esta fala só soube me levar por inesperados e espantosos episódios.

Nessa noite falei:

— Hoje vou contar de quando fui concebido. Lembro de tudo, ou de quase, pois há uma espécie de anteparo entre mim e a minha

concepção, como se existisse um vidro opaco, não me permitindo visualizar o exato contorno das coisas, mas olhem só: uma convulsão explode, vejo partículas se contorcendo claras, muito claras em meio a uma total escuridão, eu vejo agora uma encarnação terrível, meus amigos, terrível, agora parece que o vidro opaco se quebrou e a coisa aos meus olhos toma forma enfim, é terrível, não cheguem muito perto porque é terrível ver a matéria enfim instalada, já num aparente repouso, ela que não demandava a sua presença, ela que não tinha necessidade nenhuma de vir está agora aqui, presa a uma forma, olhem, meus irmãos, olhem para mim e vejam onde tudo foi dar.

Neste momento fui ovacionado como nunca. As minhas mãos tremiam, a fronte latejava, a testa febril, uma náusea me subia à garganta.

Falei que nessa noite eu precisava ir direto para um banho, e que depois me recolheria, descansaria, porque dessa vez eu fora longe demais, e até amanhã não teria mais nada a dizer ou escutar.

— Cara, oh cara — eu disse ao deitar, e lembrei que, depois de alguns anos, era a primeira vez que eu fazia tal exclamação.

Esta cadência exclamativa nunca mais se tornou para mim um verdadeiro hábito, reaparecendo assim esporádica, um vício que volta a se insinuar mas que já não revela forças, até quem sabe desaparecer de vez.

Hoje, quando conto de pé em cima da escrivaninha para os meus colegas de asilo este antigo hábito, eles costumam rir muito e me arremedam repetindo cara, oh cara...

A maneira de dizer, cara, oh cara, virou para eles um certo motivo de diversão. Quando queria fazê-los rir sem delongas, eu

arrumava um jeito de encaixar a exclamação dentro do relato que estivesse a desdobrar, e aquele gancho cifrado, levando ao riso aquela plateia e não outra, assumia uma mordacidade com tal independência que o seu possível sentido como que escorregava para dentro de si mesmo, fechando-se a qualquer alusão.

Agora, quando pronunciávamos às gargalhadas, cara, oh cara, não conseguíamos mais reatar esta expressão ao seu motivo primeiro, à razão seminal que a fizera entrar nos meus relatos. Cara, oh cara funcionava agora como um refrão, talvez um ímã que puxasse em todos ali um vago mas hilariante ímpeto de coesão.

Até que a exclamação perdeu-se no vazio, e tanto, que ninguém mais se deu o trabalho de lembrá-la.

O uso que eu fazia da vida no asilo seria intragavelmente tedioso, não fosse esta espécie de espetáculo que eu apresentava regularmente aos meus colegas albergados. Ali, só outra coisa talvez me tomasse tão prazerosamente a atenção: a minha amizade por Lucas, o velho albergado que esmagara havia alguns anos o garoto que queria limpar o vidro do seu carro. Uma noite ele me disse:

— Estou aqui, meu filho, conte comigo — definitivamente, ele passara a me tratar por meu filho.

Até que um dia ele morreu. Vou lhes contar, eu disse para o auditório composto pelos meus colegas, uma semana depois:

— Vou lhes contar — continuei —, foi numa tarde muito quente, como todos vocês se lembram, que Lucas morreu. Nós dois passeávamos pelo pátio do asilo quando ele falou, meu filho, sinto uma dor. Perguntei, onde? Ele nada respondeu. Então fixei mais os meus olhos sobre o corpo dele e vi o que de fato se armava: o seu corpo todo se desmanchava de encontro à laje quente, tão quente

que não nos permite, nas horas diurnas, andarmos descalços; pois o corpo dele estava ali agora, jogado naquele chão ardente, e peguei seu pulso e não havia nada naquele pulso que me fizesse dizer está morto, ou não, está vivo, pois quando eu pensava tocar na inércia a veia parecia reagir, e eu, querendo poupar a idade avançada dos habitantes deste asilo, sem tempo a perder comecei a puxar sozinho o corpo de Lucas pelas ruas porque sabia, é claro, que o país anda a sofrer paralisação dos combustíveis, não há carros nas ruas, não há táxis, ambulâncias, ônibus só de hora em hora, e fui puxando aquele corpo pelas ruas na esperança de encontrar o Hospital das Mercês com algum médico de plantão, na pura esperança, é certo, porque sabia que andava cada vez mais difícil encontrar algum médico de plantão no meio daquela paralisação prolongada dos chamados profissionais da saúde, até... até que parei e soltei com cuidado os pés de Lucas, e olhei com todo o fervor para os olhos dele e vi, vi enfim que os olhos estavam abertos e vítreos e que por mais que eu mexesse as mãos diante daqueles olhos as pupilas já não respondiam, ali, estagnadas. E então sim, então foi como se eu fosse trespassado por uma clareza e falei, falei sozinho diante daquele corpo que já não palpitava entre os vivos, eu disse: um raio, desses que fulminam o ar sem tempestade, esse raio o matou. E quando olhei em volta, vi que algumas pessoas me cercavam, pediam que eu contasse como se dera aquilo, se o morto era o meu pai, quem era, e eu falei, falei todo contrito, expulsei de mim uma palavra-nave, dessas que flutuam no ar quem sabe quanto tempo, solitárias, e que rasgam enfim o firmamento e desaparecem nos deixando a perguntar se não foi uma miragem que nos saiu da boca, tamanho o esquecimento que nos toma após a sua passagem. E

tanto isto procede que depois de eu pronunciar esta palavra-nave as pessoas que me ouviam ali em volta foram se retirando, lentas, como se sonâmbulas, deixando-me só, com o cadáver ainda quente de Lucas.

Quando terminei o relato desta noite, alguns colegas albergados choravam, alguns dirigiam o olhar perdido para um crucifixo que havia na parede, bem acima da minha cabeça. Desta vez não fui aplaudido. Quando eu disse, fechando o relato, é isto, meus queridos, é isto, fez-se um silêncio grave que perdurou até o momento em que entrei debaixo do chuveiro frio. Enquanto tomava o banho de depois do espetáculo, vieram à minha cabeça os versos que Lucas costumava cantar na sua fatigada voz, assim:

*A chaga que me abriu
na dobra surda do peito
tem um sangue ruivo
da cor da sarda que ela descobriu cantando
enquanto se despia para mim
que via arfante
a túrgida boca da canção*

— Esta canção tem nome? — perguntei para ele um dia.

Lucas olhou para cima, como se quisesse pegar alguma coisa no ar, e depois sacudiu a cabeça, indicando talvez que a pergunta que eu lhe fizera o estivesse enfarando.

— Não, meu menino, não, nem tudo tem nome nesta ingrata vida — ele disparou, e não falou mais uma palavra durante uns dois dias.

Debaixo do chuveiro, me perguntei se me faltavam comumente as lágrimas por uma questão de secura fisiológica ou porque não havia em mim uma índole derramada.

— Índole infecta — resmunguei como se saboreasse decidido uma defecção de mim próprio.

Pelo jeito, toda aquela teatralidade clandestina debaixo da água fria tinha como meta revolver à saciedade, não sei exatamente para quê, aquilo que eu sempre soubera: eu não poderia ser chamado de um homem bom.

Principalmente durante os meus períodos delicados, ao observar uma desgraça humana, eu não conseguia conter dentro de mim um imediato e perturbador arroubo de exultação, uma convicção desenfreada de que a vítima preferira o sacrifício, que pelo menos de alguma forma fizera por merecê-lo.

Eu era então tomado por um desprezo absoluto pelo sofredor.

E de repente, como se levasse um soco, eu costumava cair num estado próximo à dispersão, afrouxando dentro de mim uma corda tesa, que poderia numa dessas acabar comigo.

Eu sou um homem mau, foi a frase que abriu o primeiro espetáculo que fiz para os meus colegas albergados depois da ocasião deste banho.

— Vou contar, meus amigos, vou contar agora que eu sou um homem mau — falei para uma plateia que começava a se impacientar, nervosa.

Continuei:

— Mas não se afobem antes de ouvirem o que realmente tenho a dizer.

— O que é, diga logo, o que é? — alguns berravam.

— Paciência, meus irmãos, paciência, pois há de tudo sobre a Terra, inclusive eu.

— Mentira, isto não passa de uma farsa — gritou uma velha já toda trêmula.

Nesse momento veio um membro da diretoria do asilo e pediu que eu fizesse o favor de me retirar do refeitório. Saí debaixo de vaias e apupos.

Passei dias sem muita vontade de me afastar do dormitório. Me sentia um cão escorraçado, e ficava ali, deitado naquele dormitório masculino, sem praticamente dormir, flagrando à noite alguns velhos se enrabarem, uns saíam furtivamente de suas camas e passavam para a de um colega, e era bastante desagradável entrever aquelas esfregações sôfregas e ofegantes, os corpos como se digladiando, avançando com fundo esforço, palmo a palmo, até que, não se sabe se pela consumação de um gozo ou por puro cansaço, fossem se acalmando... e o sono sobrevinha a tudo, e a vigília agora não era mais do que águas passadas, e a carcaça enfim entregue não parecia nada além do que a véspera da vida, um embrião do que já fora vivido pelos velhos naqueles anos todos.

Neste período sofri de uma estranha fraqueza. Senti vergonha diante dos meus colegas, nas escassas vezes que então me levantei da cama: só dois ou três velhos mostravam uma dificuldade tão dramática para os movimentos quanto eu, seguramente um dos albergados em idade menos adiantada. Eu ficava ali, sentado na beira do colchão, me perguntando se aquelas dores todas pelas costas me permitiriam andar até o banheiro, o pátio, o refeitório...

Só comecei a sarar depois de um temporal, o calor amenizado e uma brisa buliçosa soprando pelo dormitório. Me sentei na cama e

lancei o olhar para as coisas sem que me ocorressem tonturas. Percebi que os colegas não me fechavam a cara, pareciam ter esquecido os desastres do meu último espetáculo, alguns me perguntavam se eu estava melhor.

Eu já não poderia viver sem o apoio daqueles velhos, pelo menos sem aquilo que me vinha deles, aquilo que estava a vir agora, ali, aquilo a que eu não saberia que nome dar — muitas vezes nesta afetividade toda encarquilhada eu adivinhava mais uma mentira necessária para que eles pudessem continuar vivos, pois demonstrar o interesse conjunto por mim auxiliava a mantê-los de pé, e eu, que retornava da letargia, entrava como uma peça-chave nessa batalha por mais um quinhão de tempo de existência; e, assim, por certo surgiriam outros espetáculos, novos relatos sobre a escrivainha — e lá vou eu, pensei enquanto dois ou três velhos ajudavam a me vestir, um abotoava a minha camisa, outro fazia com que as pernas da calça passassem pelos meus pés, tudo porque eu era um ator, um contador de histórias, à noite eu seria a chama ereta em torno da qual eles constituiriam uma plateia animada, expectante, assídua.

Eles estavam velhos; naquelas horas, porém, em que escutavam os meus relatos geralmente tão incisivos para causar-lhes impressão, eles ficavam coesos, voltados para a mesma direção, uma direção que os abarcava a todos e ajudava a mantê-los ali, envolvidos com aqueles mesmos interesses que as minhas histórias pareciam escavar, geminando-os uns aos outros, e os retirando assim das rondas pelas ruas, como solitários, avulsos, mendigos...

E eu, conservando a guarda do espetáculo, acabava por conservar o meu teto, as minhas três refeições diárias... O que mais naquelas alturas eu poderia pretender para continuar vivendo?

Mais uma noite de espetáculo, subo na escrivaninha.

— Até, meus senhores — começo assim —, até que este aqui que vos fala encontrou uma pequena joia ferida; este aqui, que não ansiava mais encontrar alguma coisa que pudesse verdadeiramente acelerar o ritmo dos acontecimentos...

Abri a narrativa desta noite com tamanha exuberância de convicção que a partir dali consegui perceber de fato que para mim não havia mais volta: eu me tornara definitivamente um ex-ator e, pior, eu me tornara uma imagem corroída do que eu fora; em outras palavras, eu já não passava de um canastrão.

— Que joia é esta que fez acelerar o ritmo dos acontecimentos?
— me perguntou Oscar, um velho sem nenhum dente na boca.

— Foi uma menina, foi uma menina de uns catorze anos que chegou no asilo, abandonada. Pois bem, depois de algumas semanas conversando com ela, acabei descobrindo que é a filha de Amanda, uma linda mulher que conheci quando esta que reencontrei agora era um bebê... Eu a peguei no colo, tive esta menina entre os braços...

— Onde está a garota, ela se encontra agora aqui, entre nós? — eles clamavam.

— Não, meus amigos, não, esta menina que se chama Cris tentou a morte ontem, está no momento sob efeito de sedativos numa salinha nos fundos do asilo. Deixem ela descansar, quem sabe se curar — falei arqueando a sobrancelha direita, sinal de que eu já não acreditava um milímetro no elã despudorado que eu procurava inculcar no meu relato.

Continuei:

— Oh, amigos, por favor, deixem-me ir, mesmo que mal tenha iniciado a minha história de hoje, deixem que eu me vá, porque não passo bem; prometo, continuo amanhã no mesmo horário...

Resmungos no ar, uma pequena tentativa de protesto, logo abafada pelos mais paciosos.

Abri a porta da salinha onde se encontrava Cris dormindo um sono atormentado. Quando abri a porta, a luz do corredor banhou o seu corpo muito suado e ela gemeu, chamou pelo meu nome feito desorientada, como se fugisse de algum grave perigo e estivesse a me pedir socorro.

Entrei, fechei a porta, sentei na cadeira ao lado da cama em que ela dormia.

E foi só eu sentar ali perto que ela começou a se aquietar, em pouco tempo adquiriu um ressonar baixinho, quase inaudível, sem sobressaltos.

Esta garota chegara ao asilo toda desgredada e suja, exalando um cheiro insuportável. Chorava, chorava, subitamente parava...

A direção do asilo a manteve de início afastada dos demais albergados, não entendi bem a razão, talvez por ela se mostrar tão indefesa e ao mesmo tempo tão à beira de algo insano, que parecia sensato não a expor aos seus iguais.

Soube da chegada de Cris logo nos primeiros dias, por ser um albergado que conquistara mais poder de circulação pelos ambientes da diretoria e mais acesso aos assuntos dos gabinetes, certamente por ter eu, ali, o fator que produzia os relatos: a palavra.

Um dia me pediram que eu procurasse ouvir a sós o que Cris teria a contar — eu, um homem que sabia como fazer para que, como diziam, se dessem amostras das intimidades...

E foi o que aconteceu. Era a primeira vez que eu e Cris nos encontrávamos nas frondosas sombras do pátio, eu me abanando com uma folha de figueira, Cris com seu costume de puxar para cima os longos cabelos morenos para arejar a nuca, os ombros.

Num canto bem isolado do pátio.

— O que há, Cris? — perguntei ao vê-la morder o lábio superior, francamente obsedada por algum mal.

Cris, espantosamente direta, sem preâmbulos, um único rodeio:

— Faz dois anos que minha mãe desapareceu, simplesmente isto, desapareceu. Dizem que ela pode ter morrido no último terremoto que houve lá pras bandas do norte. Não sei, o que sei é que tudo caminhava bem e, de repente, ela sumiu. Cheguei em casa da escola e ela não estava mais.

Quando Cris me descreveu a mãe, loira, bonita, atriz que vivia correndo o país de ponta a ponta em espetáculos itinerantes, senti uma fisgada esdrúxula numa orelha, sem saber exatamente a lembrança que estava a ponto de me ocorrer.

— Como era o nome dela?

— Amanda.

Amanda, repeti duas, três vezes. Cris falava, mas eu não escutava mais o que ela dizia, a figura de Amanda como que entrava em mim, inteira, e eu experimentava agora uma náusea infame, como se Amanda mulher feita estivesse sendo gerada dentro de mim e naquele momento ali ela se sentisse mal acomodada e se revirasse para cá, para lá, sem encontrar uma posição adequada dentro do meu corpo, os meus órgãos responderam então com agudos espasmos, o que me fez levantar me segurando pelas coisas, a voz de Cris ressoou difusa qual numa distância louca,

insuportavelmente inacessível, e foi só quando entrei no banheiro que esta voz se dissolveu, diminuindo um pouco a sensação horrenda que eu estava a viver.

Abaixei a calça, sentei na privada, e uma enxurrada de merda líquida começou a escorrer do meu cu, assombrando com certeza a boca do vaso com a sua aparência esquisitamente preta, como se aquilo que não parava de escorrer fosse uma mistura de fezes com sangue, sei lá. Quando voltei para debaixo da árvore de onde eu saíra antes de quase me esvair em merda, Cris ainda estava lá. Embora permanecendo estonteado, eu via novamente as coisas em seus contornos.

— Você parece branca, empalideceu...

— Você também, parece quase transparente... Sentei na pedra pintada de azul. — Então você é Cris.

— Você ainda não sabia?

— Não sabia que você era a Cris que peguei no colo, você tinha o quê?, uns quatro, cinco meses...

Aí contei que eu conhecera sua mãe, Amanda.

Minha mãe, ela falou. Cris não conheceu o pai. Quando nasceu, o pai já embarcara para a sua bolsa num curso de teatro na Bélgica. Amanda não soube mais dele. Cris contou: pelo que Amanda vivia a repetir, a filha era a cara do pai, deste homem de quem nunca mais se soube. Uma tarde Cris me perguntou se eu não lhe arranjava um batom. Saí no fim da tarde, disposto a arrancar este batom da sorte.

Fui numa loja de artigos femininos. Roubei sem nenhuma dificuldade o batom. Aproveitei e passei a mão também num sutiã.

— Ó, trouxe o batom para você, um sutiã também.

Cris trazia um espelhinho no bolso da saia rodada e pintou os lábios ali mesmo onde estávamos, na porta do dormitório feminino.

Foi só enquanto ela se pintava toda concentrada no espelhinho que me dei conta do presente descabido que fora o sutiã. Cris tinha sob a blusa dois pequenos volumes completamente rijos — para que o sutiã?

— Um dia, quando você precisar — aponte para o sutiã que ela depositara em volta do pescoço.

Pelo jeito ela não ouviu o que eu falara. Nada respondeu.

— Fiquei bem de boca pintada?

— Cris, você não quer seguir a carreira de Amanda? — perguntei.

— Quando eu andava pelas ruas depois da morte da minha mãe, quando andava por aí sem eira ou vontade de prosseguir, às vezes eu fazia que estava representando, você pode entender, não é? Olha só: eu então procurava um lugar mais elevado, fosse uma caixa vazia deixada pela feira, fosse um banco de praça, uma escadaria, e eu então construía gestos muito disfarçados, olhos, boca, apenas esboçava uma expressão para o rosto, inventava falas que não chegavam propriamente aos lábios, tudo para que ninguém me notasse ali representando, pois se notassem, meu Deus, me poriam num hospício e eu não queria, até pensava que se fosse um asilo como este daqui, onde era só comer, dormir, sem camisa de força, eletrochoques, coisas assim, se fosse um asilo até que dava para eu compreender, embora não quisesse asilo também, preferia permanecer pelas ruas, fazendo um fogo às vezes com restos que eu encontrava para ficar olhando o movimento das chamas, como uma vez, ah, não quero contar mais nada, você sabe de tudo eu acho, você sabe como vim parar aqui, foi porque peguei uma gilete

que eu tinha achado no lixo, e passei a lâmina na minha língua para ver se a minha língua parava de falar, eu não falava com ninguém mas não parava de falar sozinha, para dentro é claro, eu falava para dentro, mas era o tempo todo, e aquilo foi me dando nos nervos, as horas padeciam, e eu não queria mais escutar aquele pensamento que não parava de pulsar na minha língua, então pensei, eu corto feio a língua, tiro um pedaço se der, e ela aí na certa vai ficar calada, porque desde que minha mãe desapareceu, desde que fugi da pensão onde estava morando com ela, pois não queria que ninguém me pegasse para eu viver junto, não, eu não queria... desde aí não parei de ouvir a minha voz ressoando cá dentro, a lâmina da gilete no entanto já se apresentava quase sem fio de tão usada, lembro a ferrugem que ela já mostrava bem na pontinha sabe?, e uma velha me viu passando a gilete na língua e chamou um guarda, e vieram outros guardas, muita gente em volta e eu me recusando a falar, na língua mesmo só havia uma dorzinha e uma coisinha de sangue que me saía por um canto da boca, e veio um micro-ônibus preto, li num lado da carcaça dele a palavra asilo e logo depois eu estava aqui dentro desta casa, lembro que falei só uma coisa, que eu precisava dormir porque não pregava direito os olhos fazia uns dois anos, nas poucas vezes que dormi na rua um sono desses que realmente te tiram do ar aconteceram episódios como incendiarem pedaços dos meus cabelos, me estuprarem e não sei que porra mais.

— E agora — voltei —, agora você não quer seguir a carreira de Amanda, ser atriz?

Cris abriu levemente a boca, e apontou para o corte na língua.

Que diferença da garota que chegara um trapo no asilo.

Os lábios fortemente vermelhos, entreabertos...

— É? — me saiu.

— É... — ela falou, afirmativa.

— Então vamos...? — murmurei.

— Vamos, mas antes quero sentir como vão as coisas aqui no dormitório.

E Cris desapareceu na penumbra do dormitório feminino. Ao se virar de supetão, o sutiã caíra dos seus ombros. Ela não notara, ou preferia ignorar.

Olhei em todas as direções, ninguém por perto, e tentei meter o sutiã num dos bolsos da calça. Claro, não consegui enfiá-lo inteiro lá dentro — um dos seios pendurado na minha coxa.

Fui até o dormitório masculino, escondi o sutiã debaixo do colchão. Um velho rezava ajoelhado, sussurrava palavras incompreensíveis, os cotovelos apoiados sobre a cama.

Quando passei por ele ao sair do dormitório, resmunguei:

— Amém...

— Oh, meu filho, você precisa de um animal desses ferozes, que se compadeça milagrosamente do teu olhar, que saiba lambar as tuas cismas — disse baixinho o velho.

— Esse dia chegará — falei cheio de um fogo repentino que me subia pelas faces, como se estivesse nascendo de mim, ali, um sanguinário instinto das entranhas, um ímpeto do samurai que só sabe executar o gesto autêntico no golpe lacerante.

Olhei a minha mão direita e vi nela um rancor que preferi afogar escondendo a mão no bolso. O velho voltara às suas rezas.

Tive um instante de amedrontamento, e, no meio daquele silêncio escuro, quebrado apenas pela boca em surdina do velho, me perguntei:

— É mesmo assim?

E a luz se acendeu. Um funcionário do asilo chamava para a janta.

— Libertem seus irmãos! — rosnou um velho ao meu lado, na mesa.

— Quem, onde estão eles? — perguntei.

— É só ir aos campos, lá você os encontrará; eles semeiam nestes meses secos, mas semeiam cheios de vergonha, dizem até que muitos enterram as mãos no solo e choram — o velho respondeu.

— Irei lá, sim, eu saberei me conduzir — falei escandindo as palavras, suspendendo a colher vazia no ar.

O velho pousou a mão na minha, me olhou. Onde estava a demência naquele olhar? Não, não havia demência nenhuma ali, pois o mundo fora do asilo a que o velho se referia, não importa o que este mundo estivesse a mostrar aos albergados na velha tela de televisão continuamente cheia de fantasmas, este mundo, a qualquer época, em qualquer quadrante, sempre abarcaria alguém que semeia cheio de vergonha, e quem sabe enterra as mãos no solo, e chora.

Cris numa outra mesa, de costas para mim, mas eu conseguia ver seu perfil, ela a soltar risadas para um velho que apresentava uma paralisia facial, Cris parecia rir à larga para compensar a deficiência do velho para soltar a boca, eu não me cansava de constatar a diferença espantosa entre aquela garota que chegara no asilo quase sem feições, tragada pela miséria, e esta de hoje, a dar risadas para um velho que não podia mais formular o riso.

— Então, você não quer mesmo ser atriz? — voltei à carga dias depois.

Cris fechou os olhos e começou a girar a cabeça, primeiro lentamente, depois num louco rodopio, os cabelos negros açoitando o ar. Eu era um covarde por não chegar ali, por não puxar aquelas crinas e não obrigá-la a ajoelhar-se diante de mim, por não obrigá-la a pedir perdão por aquele tempo de espera que ela estava a me exigir para que eu soubesse enfim se ela ia ou não ser atriz, eu aguardava agora aquela resposta febrilmente, porque seria eu o seu diretor, eu que já me sentia bem passado para voltar a ser ator, era eu que possuía agora os segredos necessários para dirigi-la num palco, me surgia enfim uma nova promessa; talvez a derradeira, aquilo que me animaria a procurar uma forma de sair da vida que eu vinha levando havia tantos anos, sair sim do asilo, levar Cris comigo, procurar meus velhos companheiros em Harmada, apresentá-la a cada um, eu conseguiria esta chance, eu a dirigiria sim, talvez um monólogo, Cris passando os cabelos pelos olhos, como se quisesse friccionar a visão e também ocultá-la, ocultá-la do quê? Cris, do quê?, ocultá-la da curiosidade malsã dos olhos do público, me diz Cris, Cris com seu olhar agora enfurecido, tentando me convencer que a melhor maneira de apresentar aquilo era com este salto da fera que ela não sabia mais como amestrar, esta disritmia mesmo meu camarada, a qualquer momento posso cair aqui em convulsão ou quem sabe petrificada, dura feito uma rocha orgulhosa — a voz de Cris mudara tanto ali que os desavisados poderiam supor que se tratava de um homem a falar, tamanho o ribombar barítono a sugerir, por assim dizer, uma atmosfera soturna na frondosa sombra daquele canto no pátio do asilo.

O seu corpo todo de repente se afrouxou, e ela caiu nos meus braços, os cabelos esparramados no meu peito.

Silêncio. No outro lado do muro passou cortante a sirene de uma ambulância. Acho que foi o barulho, o couro cabeludo de Cris se arrepiou.

— Numa dessas manhãs, bem próxima, estarás comigo no paraíso — falei.

Eu poderia ter falado:

— O cão raivoso morde a bainha da calça azul.

Ou então:

— O lago daqui não vira pista de patinação porque nele não desce o gélido ar que desce lá.

Mas eu falei:

— Numa dessas manhãs, bem próxima, estarás comigo no paraíso.

Cris veio a si, e me encostou na boca seus lábios cerrados, golpe seco, instantâneo, sem me dar tempo de qualquer reação.

Quando dei por mim estávamos os dois sentados em cadeiras do campo de futebol próximo do asilo, assistindo a uma partida do velho Eldorado. Pelo jeito um jogo importante para o time. O estádio lotado.

Mas o que eu queria saber era outra coisa: o que fazíamos eu e Cris bem instalados naquelas cadeiras numeradas do estádio, nós que dependíamos do dinheiro alheio para o sustento mais elementar?, nós dois ali como se fôssemos pai e filha, ou um quase-velho com uma ninfeta, não importa... os dois ali serenos, demonstrando leve curiosidade com o que acontecia em torno...

Cris me olhou, ela estava com um rabo de cavalo que ia até o início do decote do vestido violeta, e passou para a minha mão um volume envolto num lenço branco.

— Olha depois — disse ela —, primeiro guarda no teu bolso.

Não resisti, separei cheio de disfarces duas bordas do lenço, e lá dentro vi uma carteira contendo simplesmente notas graúdas de dólares.

— É, rapaz — comentei comigo no meio dos gritos das torcidas —, é mais um roubo genial de Cris, agora lembro sim, sei porque chegamos a dar aqui, nestas prazerosas cadeiras numeradas, num jogo importante do Eldorado...

No dia seguinte começamos a planejar a fuga. Não aceitaríamos que eu partisse normalmente do asilo com uma albergada menor de idade. Seria preciso que fugíssemos sem nenhum rastro atrás.

No asilo já pouco ficávamos juntos à vista dos demais, para que ninguém desconfiasse.

Fugimos com enorme facilidade, em pleno dia.

Chegamos de ônibus em Harmada. Ao anoitecer.

Bati no apartamento de um velho amigo meu, Bruce, ator como eu fora, da mesma geração; fazia muitos anos que ele não sabia de mim. Demos um no outro um prolongado abraço.

Contei a minha história, disse que por incrível que parecesse eu queria voltar ao teatro sim, quem sabe dirigindo Cris, uma garota que dia a dia se mostrava mais atriz.

— Estou confiante na minha mão cênica.

Falei me sentindo o mais ridículo dos mortais. Talvez fatalmente imperdoável para o quadro que eu queria pintar para Bruce. Tentei consertar, mudando de rumo.

— Eis o grande Bruce — exclamei abrupto, com a mão no ombro dele, usando o tom folgazão que eu não usava desde que deixara a carreira de ator para trás.

Bruce continuava firme como um conhecido ator de Harmada, isto eu já sabia pelos jornais que me caíam nas mãos, no asilo.

Ele nos ofereceu um quarto em seu apartamento, duas amplas camas, uma vista que pegava meia Harmada, incluindo um belo trecho de praia.

Eu e Cris passamos a dormir no quarto. Cris ficou com a cama junto à janela, frequentemente ela permanecia de joelhos sobre o colchão, debruçada no peitoril; mas nas horas em que não dormíamos, o comum era circularmos pelo vasto apartamento, como se estivéssemos em casa — o que parecia ser verdade, tal a calorosa acolhida de Bruce.

Ele na época estava atuando numa peça chamada *Traços finos*, de um autor tcheco que morrera aos vinte e oito anos num acidente de moto em Paris.

Fazia um homem bem mais velho. Usava maquiagem carregada: as rugas, riscas escuras e largas, para poderem parecer profundas.

No palco, com ele, havia só mais duas pessoas, duas mulheres que, sem motivo aparente, o odiavam mais do que a qualquer coisa. E o personagem que Bruce interpretava precisava do ódio que emanava das duas, este sentimento era o único ponto propulsor para que o protagonista se mantivesse vivo, e ele então cultivava este ódio como a uma planta decisiva e derradeira.

Olho para Bruce no espelho do camarim. Ele retira a maquiagem. Um algodão com um creme especial para esta operação; passa pelo

rosto e de repente me nota, então ele me olha também pelo espelho, e agora somos nós dois que nos olhamos pelo espelho.

Cris abre a porta do camarim. Avança, bate a porta. Agora é também ela com o seu olhar no espelho, me olha um pouco, olha um pouco Bruce, nós três nos olhamos como um carrossel, um passa o olhar para o outro que passa para o outro e assim sucessivamente até, até que a coisa periga inebriar de fato e somos obrigados a parar.

Por quê?, me perguntaria se estivesse sozinho, por que este homem, Bruce, cinquentão como eu, e esta garota que nem tem seus quinze feitos, por que estes dois me levariam para o inferno se quisessem? E depois, o que significa ir para o inferno? — é bom, ruim, forte... e brando poderia ser?

Eu não passava de um bobo, isso sim, um velho bobo, e como tal deveria estar dormindo aquela hora, deveria esquecer esta história de voltar à carreira, esquecer a estrela que Cris tinha com certeza, eu deveria fazer as malas, ir para um refúgio na ponta do rochedo, ter como êxtase apenas o mar bravio chocando-se na pedra, apenas isto, descansar; mas não, aqueles dois me levariam para o inferno se quisessem, seja lá que significado tenha esta palavra, inferno — e tanto fiquei ali no camarim sentado a revolver meus pensamentos que quando dei por mim vi que Bruce e Cris já não se achavam por perto — só eu no espelho —, e escutei suas vozes vindas do corredor, conversando com outras vozes que comentavam risonhas o espetáculo.

Evitei passar por eles, fiz o caminho inverso, saí pela porta de emergência. O ar estava especialmente abafado, muitos drogados costumavam andar pelas imediações do teatro noite adentro. Um

rapaz chegou para mim e pediu as horas. Mas em vez de esperar uma resposta minha ele se afastou de banda, rindo. Pedi um café logo ali. Às vezes eu gostava de sair à francesa dos ambientes, às vezes preferia ir embora sem dar explicações, às vezes eu precisava acreditar que a minha falta prematura e injustificada não geraria escândalo entre os circundantes, como se na minha falta prematura e injustificada pudesse se revelar enfim alguma virtualidade comumente adormecida na minha presença física, palpável.

Eu costumava pensar que, quando eu voltasse a ver as pessoas a quem deixara à francesa, como era o caso agora de Bruce e Cris, estas pessoas apontariam então o que eu ainda não pudera ver em mim, por estar continuamente tragado pela minha própria presença.

Bebi num gole o resto do café. O vozerio em torno como que me alegrava. Eu pensava no espetáculo que dirigiria apresentando Cris ao público de Harmada. A produção estava sendo levantada com a ajuda de Bruce. Acabáramos de conseguir um teatro de bom tamanho. A peça, um monólogo de um autor mexicano, falava de uma mulher enlutada por acreditar com ódio e desespero na eternidade. Isto, ela não se cobria de luto no corpo e na alma pela morte de alguém, pela finitude de um ser, não: o seu luto ao contrário expressava a tristeza pela dura, pela descomunal herança da eternidade.

Em certos momentos Cris usa um véu de rendas negras. Uma assombrada luz banha seu corpo. Ela se ajoelha sobre minúsculas pedras. Um vento inesperado esvoaça o véu, ela então passa partes do cabelo negro para a frente dos olhos, e esfrega os cabelos nos olhos, exatamente igual ao que eu vira ela fazer tempos atrás.

— Viva — eu disse —, é assim, você soube desde sempre que era assim.

Foi um ensaio afogueado, eu também estava de joelhos sobre as tais pedrinhas, pedindo que ela fizesse feito eu, sim, de joelhos, como se fosse uma ultrajada pelos séculos infindáveis, viúva da humanidade, que era a quem você queria pertencer, e não a esta divindade que te quer, com a tua fé espúria, como senhora absoluta sobre a morte, que te quer, parece, como a noiva das eras... não, não; desenharei na tua face esquerda uma lágrima vermelha de sangue, um risco de fúria na tua face esquerda, assim — e como o pincel e a tinta estivessem a postos, apenas me inclinei um pouco para procurá-los pelo chão, e levei de imediato o pincel até a face esquerda de Cris, e o pincel fez como que um penacho eletrificado na face esquerda de Cris, e ela então disse a frase do texto que lhe cabia dizer naquele instante:

— Deixa comigo essa esfinge estrelada, deixa, que você verá o que farei com ela!

Abro a janela esquecida atrás do palco. Vejo a manhã de sol. A alguns metros Bruce desce do táxi. Escuto a água do chuveiro que cai sobre o corpo de Cris. Vejo o pó que circula denso numa faixa de claridade que vai até o chão, como um spot. Ouço os passos de Bruce. Vejo de repente Bruce na minha frente: seus poucos cabelos, grisalhos, barriga calculada, os óculos que só entram fora de cena, penso que ele é meu amigo há pelo menos trinta anos, que ele é um dos raros que consegui manter até aqui, me pergunto o que mudou no seu porte, quase tudo, uma voz interna se apressa a afirmar, quase nada, uma outra voz se apronta para responder mas não se apruma o suficiente para ecoar dentro de mim, talvez porque saiba

no fundo que pouco há a dizer de construtivo quanto à passagem do tempo em nossas carcaças... podemos até repetir ao rever um contemporâneo nosso depois de alguns anos nas costas: ele pouco mudou no aspecto desde aquela época, mas não conseguimos evitar a constatação de que seus olhos como que murcharam, a linha que vai do queixo ao pescoço se afrouxou, caiu — mas quem está na minha frente agora é ele, Bruce, e eu tenho algo a falar:

— Você está bem, meu irmão.

— Quem, eu?

— É, você.

— E você, não está?

— Eu estou ansioso com a estreia na quinta... Mas você veio, não veio?

— Vim, vim assistir ao ensaio.

Cris apareceu com os cabelos molhados. Pediu que eu puxasse o fecho do seu vestido negro. Era o primeiro ensaio com o figurino completo.

— Assim se passaram dez anos — Cris começa a falar o texto.

Peço que ela olhe decidida para a frente, não exatamente para o público mas para um pouco acima dele, como se mirasse uma imensidão qualquer, que pode ser o céu, que pode ser o mar ou, com grandiloquência, o próprio espaço sideral.

Ela vai:

— Assim se passaram dez anos... E você sabe, você bem sabe que eu não estou brincando, quando digo dez anos eu não estou dizendo vinte ou cinco, são precisamente esses dez anos em que vivemos os dois um com o outro a nos mirar, às vezes com diplomacia, outras com desdém, eu aqui ao relento a esperar que

viesses um sinal qualquer daí, que me desse um motivo de orgulho ou quem sabe me insinuasse um assédio, tudo isso esperei aqui nestes dez anos, saindo tantas vezes sem forças de esboços de lutas ferozes, ficávamos aqui rugindo um para o outro, cuspiendo na terra seca, provocando, mas na hora do golpe, quando retesados nos sentíamos prontos para desferir, nesta hora recuávamos, começávamos a nos distender, e o que era o calor da noite se aclarava com uma leve aragem, e a névoa da manhã vinha, parecia, que das entranhas do solo e nós como que nos evaporávamos, e só íamos nos ver novamente lá por volta do fulgor do meio-dia, mas éramos aí outros os dois, já não queríamos saber de lutas, apenas encarávamos a nitidez ociosa da luz, quando tudo está ali, fixo, sem nos dar chance de procurar o que só a noite pode esconder...

Interrompo Cris. Não sei exatamente o que dizer, não sei se de fato vou dizer alguma coisa. Interrompo Cris com um estalo de dedos... Bruce levanta-se, inquieto.

Cris é quem fala:

— Sim?

Tiro a camisa empapada de suor, pergunto se Bruce não quer fazer o mesmo, Cris deita-se no palco, Bruce desabotoa a camisa, vejo que tem pelos grisalhos no peito, ele se deita ao lado de Cris, passo uma toalha pelo meu suor, sinto-me impelido a acompanhá-los, me deito também, agora somos eu, Cris e Bruce deitados no palco, os três fora do foco de luz, uma zona turva onde poderíamos quem sabe dormir por alguns instantes, quem sabe saborear um pouco esta espécie de vácuo que se instala ali, mas eu digo não, a minha voz ecoa firme pelo palco, me levanto, puxo Cris pelos braços, Bruce rola o corpo pelo piso do palco quase até despencar para as

poltronas da plateia, mas quando chega ali na beira ele se ergue num só impulso, o que lhe deve ter custado um bruto esforço, um homem entrado nos cinquenta sem nenhum preparo físico de monta, pois ele chega ali na beira do palco, ergue-se num só impulso e grita, não se ouve bem o que ele diz no grito mas ele grita, grita sim, e eu digo ao iluminador que pouco aparece metido na sua cabine, digo, aqui entra um relâmpago, um relâmpago que cortará a cena como um bisturi medonho, Bruce arrebenta o espaço com sua voz de baixo a imitar o trovão, Cris abre os braços em cruz e continua a sua fala do ponto onde parou, Cris vai, não para, no momento preciso joga-se no chão estremunhada, machuca-se, eu noto, se esfola no joelho, o sangue mancha o vestido, Bruce agora na plateia sentado no encosto da poltrona, Cris arqueja a sua fala, às vezes um soluço, diz que não aguenta mais viver em estado emergencial, o que ela quer agora é entrar no rio, talvez morrer, nem sabe, mas entrar no rio, isto é o que importa, de costas para aquela máquina de enlouquecer que chamam de mistério, porque agora ela vai tentar apenas ser do rio, este senhor gelado, convenhamos, a quem ela agora se entregará qual espiã de uma outra sorte...

O público ovaciona na noite de estreia. Cris, só isto, Cris, sem sobrenome nem nada, Cris torna-se uma estrela do teatro de Harmada.

Com os razoáveis proventos que passo a ganhar como diretor do espetáculo, vou a um dentista pela primeira vez depois de tantos anos. Pontes móveis ou fixas?, escolho fixas, posso pagar um pouco mais.

Um gato passeia no peitoril da janela do consultório.

Quando vou ao dentista chego uns vinte minutos antes, folheio revistas antigas, aquilo me descansa.

— É a sua vez — me diz a secretária do dentista com um sorriso, com um sorriso para mim que posso pagar a consulta e o tratamento.

— E então? — à minha entrada fala o dentista com seus dentes alinhadíssimos, a secar as mãos numa pequena toalha branca.

— Olha, aquela peça que você botou na minha boca umas três consultas atrás, e que estava me incomodando, parou de me incomodar — digo sentando, praticamente deitando na cadeira do dentista.

— Maravilha — o dentista sorri.

Ele pede para eu abrir a boca, e esguicha uma aguinha num dente esburacado.

Estou de boca aberta, tenho dinheiro para pagar aquele tratamento, é bom lembrar, e vejo surgirem pela janela as primeiras estrelas no céu.

— O seu espetáculo continua um sucesso na cidade — comenta o dentista escarafunchando um siso que me dói.

Sem poder falar eu emito uns sons que pretendem confirmar o que ele acabou de dizer.

— Veja aqui, já lhe falei: se eu extrair este dente que dói a coisa fica bem mais em conta; mas pelas análises que fiz vai dar para restaurá-lo, tratamento mais caro e tal... o que o senhor acha então, pensou?

Eu já decidi pelo tratamento mais caro várias consultas atrás. Respondo:

— Prefiro salvar o dente.

Não me incomodo em repetir. Desta vez eu falo como se estivesse decidindo pela minha restauração total, eu, que fiquei aqueles anos todos num asilo de mendigos vendo vários dos meus dentes se dizimarem, eu agora tenho um dinheiro no banco para poder chegar ali, pagar, sair não só com dentes novos mas eu próprio um homem novo, abrindo um sorriso limpo, deixando novamente a minha língua entrar em outra boca, uma outra língua entrar na minha boca sem encontrar agora cáries, ruínas, falhas...

Saio do consultório, entro no elevador, passo pela portaria do prédio, ou, sei lá, entro no elevador, passo pela portaria do prédio, saio do consultório, pois não interessa a ordem com que eu possa viver o enfado desta armação diária de ir a dentistas, me olhar no espelho de cuecas entre o experimentar uma calça e outra nas exíguas cabines de provar roupas das lojas — olhando as minhas pernas nuas me dá vontade de chamar a vendedora da loja, abaixar a cueca e mostrar o pau, me dá saudades do asilo onde eu não precisava fazer nada disso, nem ir a dentistas, nem experimentar roupas — muito de quando em quando me aparecia por lá alguma peça do vestuário como chamam, vinda de alguma instituição ou pessoa caritativa, e eu nem me dava o trabalho de experimentar, era vestir e já sair andando com a roupa no corpo, podia estar apertada ou grande demais, isto era um pormenor que não cabia em nenhuma conjetura dali, eu estava vestido com uma roupa que já pertencera a outro corpo, mas isto não interessava em nada, o importante era que aquela roupa parecia bem ou mal aderir ao meu corpo, para chegar em mim fora lavada, algumas, me lembro, tinham um certo cheiro caprichado, provável que de sabão em pó ou de alguma substância perfumada que se use na lavagem, sei que

agora eu estava ali naquela exígua cabine da loja a chamar a moça, ela abre de leve a cortina e me pergunta se a calça caiu bem, estou vestindo uma calça creme e conto para a moça que sim, que eu poderia comprar duas, quem sabe até três se quisesse, porque tenho um dinheirinho no banco que me proporciona essas aventuras, a moça pisca nervosamente, diz que acredita em mim, e ali entendo que ela deixou de acreditar neste homem aqui, digo então que adiarei as compras para outro dia com mais calma, e quando digo que estou muito atarefado hoje, que tenho muitas coisas a fazer, sinto que o seu olhar de vendedora readquiriu uma certa credulidade, mas vou para outras lojas, e chego no apartamento de Bruce com tudo novo sobre o corpo — sapatos, calça, camisa.

— Joguei a calça, a camisa e os sapatos velhos, tudo no lixo — contei para Bruce.

— Estás bonito, meu rapaz, bem bonito — disse ele olhando distraído para a minha mão que pegava um cigarro sobre a mesinha ao lado do sofá.

Ele poderia me olhar e eu a ele frente a frente, nos olhos. Mas quando os olhos de Bruce abandonam a minha mão e encontram os meus olhos eu desvio o olhar para o tapete. E para que nos olháramos nos olhos? Para recordar o nosso início de carreira trinta anos atrás?

Não, eu não tinha razões para estar insatisfeito com absolutamente nada, nem com os nossos olhares que não se mantinham cruzados, nem com a roupa e com os sapatos novos que eu trazia no corpo, muito menos com o meu espetáculo para Cris.

Me levantei, fui até a janela, olhei a paisagem de Harmada, e simplesmente acreditei que chegara a minha vez de acertar. O problema agora seria o de preservar essa situação.

— Você fez a sesta? — perguntei a Bruce enquanto me virava de costas para Harmada.

Bruce não estava mais ali.

Foi o calor daquela terra que me deixou amargo... ou me deixou cruel...; não me lembrava direito da frase que eu dizia muitos anos atrás na pele de um personagem cego. Mas foi esta frase que me veio ao perceber a ausência de Bruce, talvez porque este personagem não acreditasse no que ele considerava a pretensa riqueza de se enxergar o mundo, ou talvez porque estivesse me sentindo meio apatetado e o personagem do cego fosse o mais apatetado de todos os que eu interpretara, não sei... O cego afirmava: Se não enxergo, melhor para mim que me poupo de ver o que se convencionou chamar de formas, esta exibição que não passa do excremento das coisas. Os verdadeiros seres são aqueles limpos de figuras, aqueles seres que ficam em refúgio, longe das linhas, curvas ou retas, dos volumes, das cores. Os verdadeiros seres se frutificam na ausência, pois tornam-se sumarentos, apetitosos e nutritivos por estarem apartados da cerrada selva do instinto visual. Não quero dizer que sim nem não, mas desconfio que os cegos foram feitos para servir de mão de obra pioneira no campo desta outra visão, a que se liberta enfim das formas.

Este cego terminava como uma espécie de faquir, ele tinha dominado grande parte das imposições da matéria, quase um puro espírito, e como tal perdera a capacidade para a linguagem humana; quando muito instigado a falar ele poderia conceder, mas já não

usava palavras, explorava sons remotos — um outro personagem, o discípulo do cego, quase no epílogo, anuncia que finalmente tínhamos chegado à linguagem invertebrada, ou seja, aquela que desconhece qualquer viga mestra, aquela que não quer ir a ponto algum, aquela que em microexplosões se liquefaz na tela baça do cego.

Lembro: eu fazia este personagem o tempo todo enrolado numa bandeira vermelha e roxa: a bandeira, segundo os manuscritos do discípulo, de um país que receberia no futuro os descendentes do cego. Uma mulher que passava pelo palco perguntava:

— Mas ele deixou filhos, descendentes?

— Não — respondia o discípulo —, seus filhos são outros, seus descendentes não padecem deste corpo que eu devolverei agora ao pó.

Neste momento ouviam-se três tiros. O corpo do discípulo caía ensanguentado. A mulher vê-se de repente com uma arma na mão, começa a gritar, joga a arma sobre o corpo inerte do discípulo, berra que esta arma não é dela, nem nunca pegara numa arma antes, pede socorro olhando com desespero a plateia, enquanto as luzes se apagam e das caixas de som cresce uma ensurdecadora saraivada de pigarros e tosses...

Eu lembro: este espetáculo ficou oito meses em cartaz.

— Você fez a sesta? — perguntei de novo para Bruce que, eu via agora, voltara a se sentar na sua velha poltrona da sala.

— Não — ele respondeu tirando os olhos por um segundo da página de um livro.

Eu e Cris entramos num apartamento que vimos num anúncio, para alugar. Cris avança pelo espaço mais rápida que eu, entra nos

dois quartos, diz que gosta mais do quarto que dá para os fundos. Por enquanto ainda olho pela janela da sala, vejo uma fila enorme que dobra a esquina, pelo jeito candidatos a algum emprego de uma fábrica de cofres, onde a fila começa...

Tocam a campainha deste apartamento vazio. Abro a porta. É um rapaz. Pergunta por Cris.

— Cris — eu chamo.

Cris aparece, os dois se beijam. Ela aponta para mim e diz para o rapaz:

— Ele é o meu pai.

O rapaz aperta a minha mão. Parece ter sangue árabe, apresenta uma calvície precoce, usa um bom terno. Eu diria que é bonito.

— Como vai? — digo. — Bem, e o senhor? — Vou indo...

— E Cris, foi sempre esta garota assim? — ele diz, querendo, sem convencer, interpretar o descontraído.

— Sempre — digo.

Cris não diz nada, apenas nos observa. Noto nela certa palidez.

Para Cris, como acabou de demonstrar, eu sou seu pai. E ainda não descobri se isso me confrange, me anima, me delicia, me exaspera, me incomoda.

— Você parece pálida — digo para Cris, tentando captar o motivo de ter me investido assim tão de repente no papel de pai.

— Oh, meu pai, meu pai... você e seus cuidados...

— Tira o paletó — recomendo para o rapaz.

O rapaz tira o paletó.

— Lou Reed — suspira Cris.

— O quê? — pergunto.

— Lou Reed — ela repete espetando o indicador no ar.

Sim, é Lou Reed que toca, agora entendo. Em alguma vitrola por ali toca Lou Reed.

— E agora, o que faremos? — digo eu.

— Você já viu o apartamento todo? — me pergunta Cris.

— O quê?

— O apartamento...

— Você já viu? — passo a pergunta ao rapaz.

— Não, não vi — ele responde.

— Vamos então? — pergunto.

— Vamos — os dois respondem.

Entramos os três num dos quartos. Depois no outro. Depois banheiro, cozinha, área de serviço. Digo que a cozinha é muito escura, e o que se vê da área de serviço é humilhante.

O rapaz diz:

— É...

Cris:

— É mesmo...

Depois nos olhamos. Estamos na cozinha escura. Nos olhamos os três, não assim de pousar o olhar um no outro e não tirar mais, mas nos olhamos com alguns ínfimos intervalos para levar a vista a um ou outro detalhe da cozinha escura, como a torneira meio enferrujada da pia, os frisos de gesso que circundam o bocal vazio no centro do teto, essas coisas que normalmente não mereceriam ser retidas na lembrança, essas coisas que normalmente nem deveriam ser olhadas se o seu estado não estiver demandando um reparo e uma conseqüente reação de quem olha.

Mas então era isto: nos olhávamos os três ali na cozinha escura e, repito, não nos olhávamos como três aparvalhados que de tanto

se olharem terão que dar uma derivação concreta, objetiva, palpável para aqueles olhares, mas nos olhávamos como se pensássemos distraídos que caminho tomar na nossa avaliação daquele apartamento.

Não posso porém negar que, a partir daquele momento na cozinha escura, o rapaz começava a me dar a impressão de ter sido desde sempre para mim uma figura conhecida, como se já tivéssemos experimentado juntos pelo menos uns instantes de intimidade; não, não estou a dizer que a partir dali iniciei a nutrir pelo rapaz um afeto especial, nada disso, mas digo que o rapaz estava na cozinha escura, eu de um lado do seu corpo, Cris do outro, e que este brevíssimo convívio clareava não sei bem o que que estivera difuso ou reticente até ali.

Bebemos os três juntos num bar chamado White. Sim, o bar é todo branco, salvo um lustre de latão dourado. Cris pede uma cerveja. O rapaz, um uísque. Eu, um gim. Bebemos os três juntos num bar chamado White, e pelo visto os dois estão mesmo enamorados um do outro. Às vezes se beijam com alguma candura, noutras dão-se as mãos, e sempre que suas peles se tocam, eu noto, há entre os dois uma corrente pouco disfarçável de tremor. Por mais um pouco chegariam aos meus ouvidos uns gemidos ainda submersos, eu pressinto. Aquela troca branda de carícias, ali na minha frente nesse bar chamado White, me faz bem. Não preciso de nada mais para que o meu próprio corpo se sinta contemplado, ele apenas constata aquela dedicação concentrada um pelo corpo do outro, ali, e fica bem, assim, mesmo que nenhuma promessa pessoal lhe instale a sensação febril, o meu corpo ali a admirar discreto os dois que se procuram quase chega a conhecer ele

próprio uma espécie rara de abrasamento, que eu só começo a adivinhar agora nos meus cinquenta e poucos anos: sim, eu estou ali a admirar discreto aqueles dois e não gostaria de estar neste momento em nenhum outro lugar, porque em nenhum outro lugar encontrarei a sinceridade entre dois corpos a revelar-se inteira para mim, e isto me supre de verdade, quase a convicção de que alcançarei ainda hoje uma espécie de saciedade desconhecida, embora este estar aqui agora com aqueles dois corpos não precise de mais nada além de estar aqui, pois o não entrar em cena não fere nenhum dos meus sentidos, eu fui feito sim para estar aqui, admirando quieto e calado aqueles dois, e estes minutos não transbordarão para depois, e depois eu saberei que fui atingido por inteiro, e que me renovei...

De repente Cris lembra que eu e ela temos hora marcada com um repórter.

Corremos para o teatro. Na frente do teatro o rapaz se despede. Aperto a mão dele, a minha está suada, eu sei.

Sentamo-nos com o repórter em cadeiras da plateia.

Neste ponto fugidio os cães recordam.

O repórter pede que eu diga este verso mais devagar. Eu o digo mais devagar. Ele anota.

— Pois é, foi o poema que me deram para ler naquele longínquo teste para ator — contei mais uma vez.

O repórter anotava mesmo as minhas repetições.

— Naquele maldito teste as minhas mãos queriam tremer pegando a folha com o poema. Não deixei, resolvi pegar aquela folha como se pegasse uma pedra, ali, firme, segurando a volumosa aspereza de uma pedra, eu não poderia titubear, não poderia tremer.

O palco, vazio; na minha frente, sentados na plateia, uns cinco caras, entre eles o diretor, parece que também o produtor do espetáculo para o qual eu fazia o teste. Se não me engano o poema que eu lia era de uma finlandesa que morreu louca, nunca mais ouvi falar deste poema nem da autora, somente estes versos sem outro comentário além da presença deles na minha memória, com exceção, é bom que se diga, do último verso, o que me fugiu, com exceção dele todos os demais continuam intactos na minha cabeça. O poema segue assim, quer ver?: e a hora se arrepia/ e o ventre incha/ mas ninguém supõe a pele de ninguém/ ninguém ausculta a gravidade dos corpos/ ninguém pergunta/ No entanto tu sabes/ rumor ingrato/ tu/ só tu bem sabes/ que o trêfego lagarto na gruta final vomita/ a sua calosidade esverdeada. É agora que entra o último verso que esqueci. Esses dias de manhã acordei pensando que a minha memória tinha enfim reencontrado este verso, lembro que levantei esbaforido da cama à procura de um papel e uma caneta, mas quando vi o branco do papel a onda que me levara até ele como que diluiu-se, lembro que tive o instinto de olhar imediatamente para as minhas mãos, vi que elas tremiam, sim, como no dia do teste, sim, como naquele dia, as minhas mãos no palco deserto, tremendo, tremendo até que eu decidisse ver na folha com o poema a pedra, a pedra firme e densa, a deixar as minhas mãos tranquilas de repente, apenas pegando a folha de papel com a lisa nitidez das palavras do poema.

Eu via agora: no meio do meu relato eu pegara, talvez sem perceber, uma folha de papel do monte de folhas que o repórter deixara na cadeira ao lado. Eu estava ali, minhas duas mãos

segurando as margens daquela folha branca. E, como na ocasião do teste, as minhas mãos se governavam, não tremiam.

O repórter me olhava. Olhei para Cris, ela então bateu três vezes a mão na outra, simulando um aplauso.

— Perdão — falei olhando para o repórter e para Cris.

E eles riram.

— Ele é meu pai — afirmou Cris deixando o braço cair no ar, bem diante de mim, como se fazendo a minha apresentação ao repórter.

Fechei os olhos e vi um velho fugindo num vale deserto, ele fugia arrastando seus pertences envoltos num saco de lona parda. Quando abri os olhos Cris continuava a falar:

— A minha mãe morreu meses depois de eu nascer, e o meu pai me criou sozinho. Ele me levava para os teatros, me deixava dormindo nos camarins, ele conta que entrava em cena temeroso de ouvir o meu choro. Muitas viagens fizemos, eu sempre com ele, por cidadezinhas poeirentas, sabe Deus por quantos buracos fomos juntos.

— Lembro de uma vez no palco — falei — em que eu fazia o papel de Barba Ruiva, quando ouvi, entre uma fala e outra, o choro dela. Lembro que comecei a suar desenfreadamente, tudo em mim tornou-se aquoso, e eu sem saber o que fazer. Até que depois, uns dez, quinze minutos depois, quando eu saía de cena por alguns segundos, corri até o camarim... e ela já dormia.

— Lembro de uma vez — falou Cris — em que chegamos numa aldeia de índios. Eu não devia ter mais de sete anos, e a trupe do meu pai ia na aldeia de índios para apresentar um auto de Natal muito engraçado; o Menino Jesus, Maria e José, todos os que são gente, na peça eram bichos, o Menino Jesus um bezerrinho, Maria a

dona vaca, e são José, personagem que meu pai fazia, era o seu boi, todos a caráter, claro, e os bichos que normalmente ficam ao redor nos presépios, os bichos é que eram gente; portanto, os humanos não passavam de coadjuvantes, mas o que eu quero contar é dos índios, lembro que sozinha entrei na palhoça em que eu ficaria com o meu pai e a palhoça estava bem escura em pleno dia, lembro que tateei, tateei por tudo ali até que ouvi uma respiração difícil, cavernosa, botei a mão, eram uns dentes fortes, terríveis, pontiagudos, saí correndo, contei ao meu pai, depois fomos saber que dentro daquela palhoça tinha um cãozinho que morria de uma doença que índio nenhum conseguiu descobrir, e ele estava morrendo ali na palhoça, agonizando.

O repórter anotava as nossas palavras com uma aplicação renhida.

— Lembro — falei eu agora — que numa dessas viagens para cidades do interior Cris um dia se extraviou de mim. Ela já não ia todas as noites comigo para o espetáculo, tinha já seus nove anos, de modo que quando cheguei no hotel lá pelas onze e pouco da noite, eu não a encontrei. Vasculhei por tudo, botei o hotel todo à procura, chamei polícia, fui no único hospital do lugar e nada, eu não a encontrava. Tive uma noite infernal, tão infernal que num momento cheguei a bater a cabeça contra a parede do quarto. Bem, mas lá pelas cinco, seis da manhã ouvi um alvoroço na portaria do hotel, fui ver, era Cris, molhada dos pés à cabeça.

— Eu tinha caído no rio que havia perto da rua principal — me interrompeu Cris —, lembro que passava o trem numa das margens, lembro que mais ou menos de duas em duas horas um trem passava apitando feito louco, e eu via pelas janelas rostos amarfanhados de

crianças insones, pude ver uma mulher sendo feericamente beijada por um homem, de quando em quando via passar um vagão-restaurant, pessoas sorvendo sei lá quantos tipos de bebidas, garçons meio inclinados, cheios de mesuras, porém o que eu quero contar é que acabei caindo no rio, sentada numa ribanceira lodosa acabei rolando lá pra baixo, lanhei um pouco as pernas, nada de especial, mas o negócio é que fiquei encharcada com a água do rio, e aquilo não sei me humilhou, me pôs a ficar envergonhada, a não querer voltar para o hotel antes que secasse, mas embora a noite enluarada, seca, a umidade da roupa não arrefecia e resolvi voltar para o hotel, condoída de mim mesma, pois foi essa a maneira que encontrei para voltar, comecei a fazer um esforço para sair de mim própria, a ver de fora aquela menina outra que não eu, isto me diminuía um pouco a vergonha, era aquela triste menina com seus passos indecisos que caíra inteira no rio e não eu, eu apenas a observava, toda penalizada, e quando entrei no hotel e o meu pai me beijou, te juro, eu estava tão apartada de mim, me olhando tão de longe como numa plateia, que não senti o abraço do meu pai, vi que ele me beijou mas no meu rosto não veio o calor de ninguém, e tanto isto é fato que até hoje me lembro, no instante em que notei que o meu pai ia se afastar do seu abraço em mim, neste instante eu olhando tudo de tão longe me peguei afagando meu próprio rosto, como se há muito não soubesse de afago, e pensei se a umidade do meu rosto tinha a ver ainda com a água do rio ou se era eu a transpirar.

O repórter a anotar tudo. De repente ele sacudiu a mão que escrevia, como se a quisesse reanimar.

Fui até a portaria do teatro. Chovia torrencialmente. Uma funcionária da casa chegava para a sessão que teríamos dali a duas horas. Ela me cumprimentou com o ar receoso, pois me vira algumas vezes nos ensaios, frenético, se não com fúria, a procurar extrair de Cris o que nem ela nem mesmo eu tivéramos ainda condições de detectar. Estava eu ali, diante de Cris, num ensaio qualquer, e me perguntava: será que hoje vai dar?, será que hoje o que ainda não sei que nome tem vai irromper e arrebatá-lo, será? Cris tentava loucamente, suave toda, se aproximava de mim, eu dela, perigosamente, e quando estávamos para cometer um lapso qualquer, sei lá, como de repente eu rasgá-la inteira, não querê-la mais, fugir, ou ela me chamar de velho nojento, irreparável, e acabar ela fugindo, para cair, digamos, nos braços de uma outra realidade, quando chegávamos neste ponto surgia dela ou dela eu retirava uma parte do diabo, eu acho, é isto, uma coisa que no início a gente não sabe bem se vai manter ou anular logo ali, no primeiro raciocínio, essa coisa que vem suja e tonta e atordoada por estar pela primeira vez à tona entre nós dois, ali.

— Você quer assim, Cris, você gostou? — eu perguntava.

Digo para a funcionária do teatro que há um repórter lá dentro entrevistando Cris. Pergunto se está chovendo há muito tempo. Ela responde que começou há poucos minutos. Ela entra na sala da administração. Tem um vidro que a expõe como num aquário. Ela levanta uma chave elétrica na parede, sei que acendeu as luzes da fachada do teatro.

Cris entra no quarto de camisola. Eu já estou deitado, olho o teto. Ela pergunta se pode apagar a luz. Respondo que sim. Vejo que Cris se ajoelha sobre a cama e fica a olhar pela janela.

— Cris! — eu chamo.

— Hein?

Na janela aberta para as luzes da cidade vejo que ela se vira para mim.

— E o espetáculo de hoje, você gostou?

Cris abre os braços, e as largas mangas de sua camisola parecem asas. Ela então se levanta, desce da cama, e vem em minha direção, muito devagar, sempre com os braços abertos.

— Você gostou do espetáculo de hoje, hein, Cris?

Cris pede um lugar e senta-se na minha cama.

— Hoje foi um belo espetáculo — ela diz.

Quantas noites passamos a conversar naquele quarto.

Nessa noite era diferente, eu sentia, ela queria me dizer alguma coisa.

Não chovia mais. Às vezes um ruído da cidade...

Cris pousou a mão no meu peito.

Bruce deveria estar dormindo. Sabia que ele estava em casa porque vira seu paletó no encosto de uma cadeira na sala. Ele não era de dormir cedo, mas naquela noite não se ouviam seus passos pelo apartamento.

Bruce portanto deveria estar dormindo. Cris pousara a mão no meu peito. Eu sabia que tinha algo a me falar.

Ela se deitou, se espichou ao meu lado.

Cris:

— Sabe, a partir de amanhã vou passar a viver com ele...

— Com ele quem?

— Com o cara que você conheceu no apartamento para alugar.

— O rapaz com quem nós bebemos no bar White?

— É...

No dia seguinte.

Olho pela janela o rapaz botar as coisas de Cris no porta-malas. Antes de entrar no carro Cris olha para cima e me acena.

Mais adiante o mar, eu vejo pela janela.

Ponho o calção e vou no mar.

Foi nesta praia que conheci Bruce. Eu vinha de uma direção, ele de outra. Não tínhamos muito mais de vinte anos. Ele me perguntou onde ficava a praia Breve. Eu disse que era a primeira depois daquela em que estávamos, que ele poderia ir a pé. Ergui o braço e mostrei o trajeto.

Eu já querendo ser ator. Então Bruce me perguntou se conhecia na praia Breve o teatro Continente. Eu assistira a uma peça na noite anterior neste teatro. Ele me contou que estava à procura de uma amiga atriz. Me contou também que chegara naquela manhã de uma cidade chamada Alvedo. Viera a Harmada para trabalhar como ator numa peça com esta sua amiga. A amiga era uma atriz conhecida. Chamava-se Vera Vidal.

Ele era filho de um americano com uma mulher de Alvedo. Por isso o seu nome, Bruce.

A mãe de Bruce conhecera o futuro marido em Nova York. Na época ela trabalhava como telefonista no escritório de uma empresa texana, na Park Avenue.

O pai fora homem de altos e baixos financeiros, autêntico aventureiro. Morrera fulminado pelo coração num barco a vela, na costa sul da Califórnia.

Dias depois a mãe descobre um segredo: bulas de remédios para graves problemas cardíacos nos bolsos do marido.

Naquela manhã distante na praia, Bruce me pareceu mais decidido que eu. Então menti, falei que também eu recebera um convite para trabalhar como ator numa peça.

Se pudéssemos adivinhar ali que por este encontro fortuito acabaríamos juntos nesta mesma montagem com Vera Vidal...

Depois nunca mais trabalhamos juntos no palco.

Gritam que uma criança se afogou. De fato, a poucos passos de mim arrastam uma criança pela areia.

— Deixem o garoto aqui — grita um homem.

Eu me aproximo. Entre os corpos que socorrem vejo a criança arroxeadada, os lábios parecem inchados.

Sou como que empurrado por um impulso, peço que me deixem passar, me ajoelho, encosto a minha boca na boca do garoto e respiro, inspiro e expiro fundo, mas nada lá dentro parece despertar, no entanto despejo o meu ar nos pulmões inertes do garoto, sei lá, despejo mais quatro, cinco vezes o meu ar de intruso na boca do garoto até que digo silencioso, basta, basta, basta... e levanto a cabeça e vejo a pequena multidão em volta, e vejo Bruce entre a pequena multidão, me surpreende vê-lo na praia na hora de sol forte, me levanto, eu e Bruce nos dispersamos da pequena multidão...

— Você aqui? — pergunto.

— E você? — ele devolve.

Caminho meio sonolento pela praia, ao lado de Bruce, quando, de repente... alguma coisa fora de mim e que aparenta estar fora de mim desde sempre, embora não mostre suficientemente uma feição da natureza porque é fluida como um sentimento, esta coisa que está lá, fora de mim, talvez até tão material quanto uma pedra se eu

pudesse sondá-la com alguma precisão, esta coisa fora de mim me puxa sim, e se eu me deixar arrastar, se eu me entregar não serei mais este que caminha pela praia ao lado de Bruce, e o silêncio com o qual caminha pela praia ao lado de Bruce ficará aí tão espectral que Bruce não me reconhecerá mais, e eu talvez esteja metido numa espécie de morte, digamos desta maneira, de morte, mas que é apenas um estado mínimo, extraordinariamente concentrado, e que mesmo sendo invisível como um grão de poeira no escuro, atrai, atrai os outros corpos, e nesta atração todos os componentes se chocam e se atritam tanto que das fagulhas provenientes destes choques e atritos nascem outras galáxias que gerarão outras através da sempre mesma atração e repulsa dos corpos...

— O que foi isso? — me pergunta Bruce.

— Isso o quê?

— Essa aceleração da marcha, eu tive de correr para te pegar aqui, olha a minha respiração ofegante, vê!

— Eu estava distraído...

— Você olhava fixo para uma coisa no ar, você bebeu?

— Só umas duas doses de uísque enquanto via Cris arrumando suas coisas para ir morar com o rapaz.

— Eu vou entrar na água.

— Daqui a pouco vou também...

Ouçõ uma garota que passa, ela diz para a outra que hoje é o dia mais quente de Harmada em vários anos.

Entro no mar.

Crianças brincam em volta, dão caldos umas nas outras.

Lá na frente vai Bruce no mar manso, quase chegando na arrebentação.

Mergulho. Saio do mar. O sol a pino. Deito na areia. Adormeço. Sonho que Bruce entra pelo mar adentro e nunca mais retorna.

Acordo e uma garotinha me observa a poucos palmos. Ela está meio inclinada sobre a minha cabeça e a cabeça dela tapa justamente a circunferência do sol. Em torno dos seus cabelos os raios do sol resplandecem. Fecho os olhos para não cegar.

— Quem está aí? — pergunto com os olhos fechados. — Sou eu — diz a garotinha.

— Eu quem?

— Eu, eu sou eu e mais ninguém.

Com as mãos nos olhos procuro me sentar. Sentado, escancaro as pálpebras.

— Ah, é você? — digo.

— Sim, sou eu — diz a garotinha.

— E a tua mãe, teu pai?

— Eles ficaram.

— Ficaram onde?

— Debaixo do guarda-sol.

— E você já entrou na água?

— Já...

— Boa, não é?

— Boa...

Ela olha com interesse para alguém que se aproxima. Faço com a mão uma aba sobre os olhos para olhar: é Bruce, que vem saindo do mar.

Vou continuar à procura de um apartamento para mim, pensei olhando a cama vaga de Cris. Pela janela via-se o céu se arroxear, preparando pelo jeito um temporal.

O telefone tocou. Era uma jornalista. Queria saber até quando iria a temporada do espetáculo. Conteí que, pelo contrato com o teatro, haveria mais quatro meses.

Depois ela me fez mais perguntas.

— Você foi ator até uns vinte e poucos anos atrás...

— Sim, até uns vinte e poucos anos atrás...

— Por que deixou a carreira durante esse tempo?

— Fiquei criando galinhas...

— Galinhas?

— É, galinhas...

— Você mesmo matava as galinhas para comer ou vender?

— Sim, torcia e puxava o pescoço delas no meu melhor desempenho... quando soltava bastava ver o sinal de sangue brotar do pescoço... depois... depois o trabalho era de depenar o bicho... esta é uma tarefa cansativa... mas não tinha empregados suficientes para que eu pudesse ser poupado de passar tardes inteiras a depenar galinhas...

— E qual o seu lazer costumeiro, hoje?

— Lazer...?

— Sim...

— Ah... praia, cinema...

— O último filme que viu?

— *A hora inflamada.*

— De quem é, de que se trata?

— É de um cineasta búlgaro que vive em Londres. A história de um pianista inglês perdidamente apaixonado pela própria irmã. A irmã rejeita tanto esta paixão que acaba se autoexilando num país africano. Neste país ela se apaixona por um funcionário da

embaixada espanhola, e este homem daí em diante passa a tomar conta do filme.

— Quem são os atores? — ela perguntou.

— A atriz é uma americana que tem feito ultimamente carreira na Europa, se não me engano se chama, se chama...

— Rita Byatt?

— Isto, Rita Byatt.

— E os atores?

— O pianista é um ator italiano que fez seus últimos filmes nos Estados Unidos, chegou até a filmar na Argentina há uns quatro anos atrás...

— Ah, o Carlo Tavazzi?

— Isto mesmo...

— E o outro ator, quem era?

— Ah, deste esqueci completamente o nome, não sei, acho que é novato, tem as feições como se grosseiramente esculpidas, parece um bárbaro domesticado naquele terno de funcionário de embaixada.

— Ah, outra coisa — ela perguntou estalando a língua —, e o seu próximo projeto teatral?

— É uma peça alemã da década de trinta, descoberta nos anos setenta.

— Quem é o autor?

— Hans Grüber.

— Como se escreve?

— G-r-ü-b-e-r.

— De que se trata?

— É a história de uma mulher paralítica. Cris fará esta mulher.

— Sim, uma mulher parálitica... — disse a repórter querendo mais.

— Uma mulher parálitica que resolve cantar. Portanto é um musical. As partituras originais não foram encontradas. Sabe-se apenas que as músicas foram compostas pelo próprio autor do texto. As coisas ficaram assim no anonimato porque o Grüber vivia encerrado numa cabana na Floresta Negra, e não se tem notícia de alguma visita dele a uma cidade da Alemanha. A primeira montagem no mundo desta peça foi agora em 1982, em Berlim. Tanto as músicas quanto as letras para minha montagem serão de Gustavo Horácio...

— Ah, acho que para mim está bom... E você... mais alguma coisa? — disse a repórter.

— Não, não...

— Boa sorte — ela acrescentou, e se despediu. Vou até a cozinha, bebo um copo de leite.

— Oi — rumoreja Bruce entrando na cozinha.

Sentamos os dois debruçados na mesa da cozinha. A chuva começa a cair.

Entro num apartamento para alugar. Vou num quarto, no outro. Décimo segundo andar.

Sinto um gosto de sangue na boca. Estou sentado no chão num canto do apartamento vazio e sinto um gosto de sangue na boca. Vou até o banheiro, me olho no espelho. Sai sangue do meu nariz, um fio de sangue entra pela boca. Quando pequeno me acontecia o mesmo. Sangue escorrendo do nariz. Abro a torneira, me inclino, limpo. Sento na privada, ponho a cabeça para trás, como eu fazia há quarenta anos ou mais. Embora tenha voltado ao trabalho e já

pense no que fazer depois deste espetáculo, tenho a sensação de que a minha vida parou. Aqui, sentado nesta privada desconhecida, com a cabeça para trás para estancar o sangue, tenho a sensação de que a minha vida parou.

Vago pelo apartamento vazio. Da área de serviço se tem uma vista ríspida de Harmada: a enseada sul, onde o mar é escuro, cor de barro, e se abre para um horizonte rasgado, despido de ilhas.

Vago pelo apartamento vazio. A minha camisa está manchada de sangue. Serei visto ensanguentado pelas ruas de Harmada, correndo da chuva que começa a desabar. Paro no meio da sala vazia. Eu te quero, oh coração submerso/ Quero romper o peito das coisas/ e ver o animal pulsando/ banhado em si mesmo/ qual o fundo da gaveta/ no úmido apetite do porão. Parado no meio da sala vazia eu canto esta canção. Não tenho uma bela voz, mas sou afinado e canto devagar esta canção. Um avião passa perto e estremece o apartamento vazio. Eu te quero, oh coração submerso. Espero o quê, aqui?, pergunto.

Peço uma cerveja no primeiro bar. Aparece um velho camarada, me dá dois beijos. Ele sempre gostou de beijar os amigos.

— É, voltei para Harmada — atendi com decisão à sua pergunta. Trovejava loucamente e as vidraças do bar respondiam. Ele contava que as ruas já estavam completamente alagadas.

— Vamos ficar ilhados neste bar — ele lembrou.

Depois olhou resolute para a minha camisa, me inquiriu:

— E este sangue?

— Foi um corte.

— Você se cortou como?

— Não sei, só sei quando o sangue apareceu, mas não é nada sério. Começou a tocar uma música da nossa juventude.

— Lembra? — perguntei.

Ele disse que lembrava. E com medidas me tirou para dançar.

E nós dois iniciamos a dançar entre as mesas daquele bar vazio. O cara atrás do balcão ria e esfregava as mãos.

— Rosto colado, rosto colado — me pedia o velho amigo. Dançamos, dançamos horas inteiras abraçados, enquanto a chuva caía torrencialmente.

Nos intervalos bebíamos cerveja, muitos copos de cerveja.

A barriga do meu amigo me atrapalhava um pouco, exigia que eu arqueasse levemente os quadris para trás, para acompanhar a linha da barriga dele.

Começava a escurecer, mas o cara atrás do balcão não acendia a luz.

No meio da escuridão entrou no bar um homem que não se conseguia divisar direito, salvo que era bigodudo e que fumava um charuto.

O homem sentou-se junto a uma mesa no fundo do bar, e ficou ali parado bebendo, talvez observando com afinco nós dois que dançávamos. De quando em quando a única luz do ambiente vinha dos relâmpagos lá fora. Ou então da brasa do charuto quando o homem puxava a fumaça.

— Ficaremos ilhados aqui — era por vezes a ladainha do velho amigo no meu ouvido.

— Ilhados — eu repetia ao me dar na veneta, soltando breves risadas.

De repente notei, por sobre o ombro do velho amigo, através da porta de vidro do bar, uma árvore derrubada pelo vendaval. Os pingos da chuva caíam desencontrados, tamanha a inconstância nas rotas do vento.

Não havia música que pudesse chegar até o ar revolto daquela geografia fulminantemente remota, que até então não passara para mim de imagem, mas que agora me circundava com seu peso inteiramente plausível, mais plausível talvez do que a minha vida conseguira ser até ali.

Plausíveis pareciam o vento desnorteado e o furor das águas que caíam. E não havia mais ninguém por perto, eu acabara só, no meio da intempérie. O grito estranho de um animal, e eu estava coberto por uma pele escura.

Não, eu não estava coberto por uma pele escura. Eu era a pele escura e quis me esconder porque já não me reconhecia, eu já não era eu.

Não precisava no entanto fugir de nada, pois eu estava sozinho e o descalabro da chuva e do vento não poderia me afetar, já que a minha resistência tinha a capacidade de acolher as convulsões do mundo, uma coisa tão natural quanto o tom escuro da pele que eu começava a conhecer em mim.

Mesmo assim, viciosamente pensei que providências tomar, mas logo vi que de agora em diante eu precisaria aprender a me incluir no mundo em volta, só isso, e isso não deveria se chamar de covardia, era a única forma de me preservar.

Olhei para o meu sexo desproporcional, animalesco.

A princípio tive nojo. Não conseguia me imaginar vivendo no meu corpo sem ser acometido por uma náusea — meio assim como se eu

não pudesse suportar a matéria embrutecida que me constituía. Mas, naturalmente, sem tardança, fui arremessado para o centro de mim, mais ou menos na altura do estômago: num clarão atordoante, de um golpe me despi de qualquer nojo, e em troca me desceu um bem-estar, nada rejubilante mas certo, qual uma roupa nova que simplesmente obedecesse às minhas medidas.

Abri os braços, como que a me treinar. Veio se aproximando um animal estranho, que eu nunca vira antes, um pouco búfalo talvez por sua aparente força, mas apresentando ao mesmo tempo linhas mais brandas — de qualquer forma sempre puxando para uma insinuante elegância.

O animal ficou com a traseira virada para mim. Tudo indicava, uma fêmea. Uma certa névoa me deixava por momentos levemente confuso, mas eu logo retomava o fio e dizia para mim:

— É um animal de pele escura como a minha, e é uma fêmea sim.

Então, de repente, não havia mais nada a se interpor entre mim e ela.

As ancas rijas, poderosas.

E quando vi o meu sexo pronto não tive tempo de me assombrar com a pujança que eu nunca vira antes e fui ali, botei as mãos enormes e escuras sobre as coxas daquela a quem eu ainda nem sabia que nome dar e meti, meti fundo, e ela respondeu com um som mais fundo ainda, que a princípio me assustou por sua vibração tão colossal que chegou a revolver brutalmente as minhas entranhas, mas que num segundo instante trouxe a minha própria voz à tona e eu também urrei com o mesmo timbre impressionantemente côncavo, cheio, e monumental...

Bruce está deitado em sua cama. É o que vejo ao chegar tarde da noite no apartamento. A porta do seu quarto aberta, o abajur aceso, Bruce lê deitado em sua cama.

— Este sangue na minha camisa... o meu nariz, depois de quarenta anos sem derramar uma gota de sangue, hoje deu novamente sinal de vida — me adiantei.

Vi a garrafa de uísque sobre o criado-mudo ao lado da cama. Na mão esquerda ele segurava um copo com as ínfimas pedras quase totalmente liquefeitas.

O seu olhar dizia que ele entornara várias doses. Eu me tinha embebedado no bar.

Me sentei na cama de Bruce.

— Sabe quem vi, Bruce?

— Quem?

— O Orlando... ficamos a beber e a dançar abraçados num bar deserto próximo ao centro da cidade; ficamos ali a dançar e a beber por umas sete horas, esperando que a chuva passasse e as ruas desalagassem um pouco.

Bruce riu. Eu ri. Ri tanto que perdi as forças e me deixei deitar sobre a cama — a minha cabeça junto dos pés de Bruce.

Bruce era hoje um homem careca, e agora ele apontava para a sua careca como se estivesse querendo que eu visse alguma coisa nela.

Na posição em que eu estava, com os olhos vizinhos aos pés dele, eu não conseguia ver a careca.

— Vem cá ver a minha cabeça, estou muito gordo para levá-la até aí — ele disse às gargalhadas.

Então fui até a careca, e nela alguém pintara uma mulher nua.

Caí na risada. Bruce continuava nas suas gargalhadas.

— Foi uma fã minha que depois do espetáculo pediu com devoção para eu deixar que ela pintasse uma lembrança sua na minha cabeça. Eu disse, tudo bem, e me ajoelhei no chão do camarim, oferecendo a minha careca para ela pintar como numa tela.

— Não é possível, não é possível — eu repetia me engasgando de rir.

Bruce interrompia a todo momento o seu relato para explodir em gargalhadas rolando pela cama — às vezes rolava tanto que passava o seu peso por cima de mim.

— Ai, você vai me esmagar — eu gritava ganindo de rir.

Peguei com as duas mãos as laterais da cabeça dele para a careca ficar firme e eu poder apreciá-la com vagar.

Na pele lustrosa estava lá uma mulher em vermelho, nua, de pé, um corpo jovial, mas na expressão do rosto havia um quê de sombrio.

— No duro, tem uma queixa neste olhar, Bruce, tem sim!

— Queixa? — Bruce quase roxo por estar prendendo o riso para afetar certa gravidade ao repetir a palavra queixa.

— Queixa sim — falei.

E nós dois explodimos nas mais tonitruantes gargalhadas da noite. De repente... sérios, os dois.

E novamente, como duas crianças que brincam de sério, um dos dois não aguentava e recomeçava a se sacudir todo de rir, levando o outro à mesma exaltação.

Mais uma vez sérios, os dois. Bruce então levanta-se de supetão, e diz para eu despir a camisa que ele vai lavá-la, tirar a mancha de

sangue.

Meio trôpego do uísque ele me puxa pelo braço até o tanque na área de serviço.

— Vamos, tira a camisa — ele insiste.

Eu obedeço.

— Olha, tenho aqui um tira-manchas genial — ele mostra o derramar-se lento de um líquido azul-escuro no balde, um esgar apatetado nos lábios, como se estivesse gravando um comercial.

Súbito seus óculos caem dentro do balde que já guarda espumosamente a minha camisa.

— Socorro, não vejo porra nenhuma sem meus óculos — diz tateando as coisas em torno.

Ele tropeça no balde e cai na laje da área de serviço.

— Epa, vou te ajudar a levantar — afirmo me curvando.

Minutos depois...

— Não está moleza, mas vai dar — digo sentindo tremenda dificuldade em levantar o corpo embebedado de Bruce.

— Como? — ele indaga resfolegante.

— Bruce, lembra aquela noite no hotel em Nova York, lembra?

— Que briga feia, meu irmão...

— A gente tinha bebido copos e copos de bloody mary, lembra?

— Lembro que quando nós dois subimos para o quarto daquela espelunca havia um troço avesso, um ódio preso que acabou estourando no quarto, entre aquelas duas camas mambembes.

— Lembro que detonamos as ofensas mais terríveis e desandamos a dar murros um no outro, e se o gerente do hotel não tivesse batido na porta para ver o que estava acontecendo, teríamos

nos ferido gravemente... quem sabe até onde aquilo poderia ter chegado?

— Eu lembro — diz Bruce virando-se de lado e deixando a cabeça deitar na laje.

— Ah, eu também lembro — falo sentando no chão e me recostando nas costelas de Bruce.

Me ajeito, me acomodo...

— Lembro mais — acrescento —, lembro de uma tarde num hotelzinho barato em Washington, você desce até a portaria, vai telefonar para sua mãe muito doente num hospital em Dallas. Você volta para o quarto, diz que ela estava agonizando ao telefone...

— Lembro — é Bruce um pouco suspirante — que entrei num avião para Dallas e que dois dias depois ela morreu...

— E lembro que fiquei te esperando no hotel em Washington para seguirmos juntos a viagem...

— E eu peguei a pequena caixa com as cinzas da minha mãe e a enviei para Harmada, através de um amigo comissário de bordo que embarcaria horas depois para cá. Dei a chave do meu apartamento e pedi que ele depositasse a caixa sobre a escrivaninha, ao lado do retrato do meu pai. Depois então voltei para Washington...

— Sim, e continuamos a viagem...

— E quando voltamos a Harmada, quase um mês depois, eu e você fomos ao cemitério de Alvedo enterrar as cinzas...

— Eu lembro... Boa pausa.

(Na calçada, a alguns passos do hotel, a máquina de comprar coca-cola, meio torta. Ninguém nas ruas de Washington, feriado de Labor Day. Só a máquina de coca-cola no meio da calçada, fim de

tarde. Vou ali, ponho moedas na fenda. Cai a lata. Espero Bruce que foi a Dallas ver a mãe agonizante.)

— Hein? — pergunta Bruce.

— Não, nada — respondo.

A chuva tinha passado. Dali viam-se estrelas no céu.

— A chuva parou — disse ele.

— E nunca mais se escutou falar em tremor de terra neste país — disse eu.

Ficamos um tempo num remanso em que só se ouviu a nossa respiração.

— Sabe — Bruce quebrou o silêncio — aquele dia em que eu te segui...

— Sim, você me seguiu por Harmada toda, a pé... na época eu praticamente vivia a caminhar e já estava me afastando do teatro, com exceção de você e de duas ou três pessoas eu não queria mais saber de ninguém, só queria andar pelas ruas, geralmente os passos apressados para simular afazeres de cidadão, e você aí resolveu me seguir para ver aonde é que eu ia, e acabou descobrindo que eu não ia a lugar nenhum, que eu só sabia caminhar a esmo pelas ruas o dia inteiro...

— É, te segui por horas e horas, parando às vezes atrás de árvores, de postes, a cada vez que você fazia menção de se virar para trás, porque você com certa frequência olhava para trás como quem se sente em vias de cometer um ato escuso... até que no fim da tarde resolvi te abordar, você lembra?, eu estava uns vinte metros atrás de você e te chamei, você virou a cabeça assustado, como se pego em flagrante, e começou a se aproximar de mim como uma criança em estado de falha se aproximaria de um adulto

seu juiz, e então você me disse cheio de vergonha, quase balbuciante, oi... e depois ficamos até tarde da noite pelas ruas conversando, era uma noite de ventanias muito quentes que vinham do mar, lembra?, e o que me impressionou então é que no decorrer da nossa conversa você se tornou novamente o homem de antes, nada ensimesmado, a falar de novo do teatro com tocante simpatia, comentando os planos de trabalho que pretendia encarar, até que fomos dar na periferia da cidade, mais exatamente num matagal, e lá você tirou a roupa e começou a passar lama pelo rosto, pelo corpo todo, e começou a dançar uma dança endemoninhada, aquele homem cheio de barro, lama e lodo a dançar pelado à luz da lua naquela pequena clareira do matagal, lembra?

— Não, não lembro — confessei.

— Lembro que quando entrávamos pelo matagal havia por ali dois caras que a princípio nos assustaram pelas suas presenças, os dois metidos dentro do mato, só por isso nos assustaram, não, não nos queriam fazer mal nenhum, eram dois caras que estavam ali para fazerem lá o programinha deles, a sacanagenzinha deles, um tinha a perna esquerda atrofiada e usava muleta, as calças de ambos abaixadas, o de muleta encostado num tronco, lembra?

— Não, não consigo lembrar...

— Pois eu lembro que depois de um tempo em que você dançava todo embarrado, os dois apareceram sem cerimônia para olhar, e o aleijado, veja só, vendia balas, pirulitos, maçãs carameladas, ele apareceu com um tabuleiro cheio de guloseimas pendurado no pescoço por uma tira larga de couro, e os dois ali a olhar, cheios de admiração pela tua dança louca, aquele corpo coberto de lama, pedaços de relva, folhas de árvore, e eu também olhando, sem

saber o que pensar daquilo, e olhando a tua dança no meu pensamento fiquei por dias e dias, era primeiro você naquele movimento incessante e frenético, era você depois se acalmando, serenando, com a expressão saciada... foi quando aponte para a tua roupa... e você a vestiu sem nem tentar tirar um pouco da lama do teu corpo... lembra que naquela noite levei você para a minha casa?

— Não, não, não lembro...

— Pois levei, te ajudei no banho, passei um esfregão nas tuas costas, ajudei a retirar dos cabelos crostas de barro, e quando você se viu limpo, seco, e eu te oferecia aquele meu pijama para vestir aquela noite, você disse apenas e exatamente isto: Não, eu não vou ficar. E depois dali não te vi mais por uns vinte anos, só voltando a te ver agora nesse teu retorno...

Nesse ponto Bruce se calou. Era madrugada, o prédio parecia morto. Agora, recostado em Bruce, e em silêncio, eu sentia vez ou outra um frêmito vindo do seu corpo, como de um ferrão que brotasse lá de dentro, quem sabe uma lembrança inesperada, quem sabe uma reminiscência que não passava de um completo desatino... e ele então parecia se estremunhar, bufava, ameaçava debater-se e, depois, pouco a pouco, se apaziguava mais uma vez, e eu voltava a ouvir aquele ressonar triste de qualquer mortal, do mortal que dorme abandonado como qualquer outro, sem a mais pálida semelhança com aquele que em vigília fustiga as paixões mais desesperadas, e afronta o destino com as ideias mais assombrosas e com os mais empedernidos assomos do passado.

Eu me recostara num homem que dormia na laje de uma área de serviço da cidade. Depois de tanto tempo eu estava novamente em Harmada, e precisava fazer com que a minha vida continuasse a se

dar por lá, como se ela fosse um fato bruto demais, pesado demais, que precisasse de um certo cultivo para conseguir a agilidade de se desdobrar em outras ocorrências.

Ali, recostado no corpo de Bruce, pressentindo que sono nenhum alcançaria me vencer naquela noite, pensei que agora que eu voltara ao meu trabalho tudo parecia ter adquirido proporções menores, se comparado ao meu período de asilo.

Mesmo que no asilo eu estivesse muito longe de pertencer realmente a uma atividade, e os meus vínculos com o mundo exterior fossem praticamente inexistentes, eu chegava à noite me sentindo todo aspirado pelo dia, pensando no sono como uma honrada satisfação, que me restituiria as forças para que na manhã seguinte eu pudesse... pudesse fazer bem pouco, admito, mas para que eu pudesse enfim fazer coisas como passear pelo pátio, com vigor e vontade.

A vontade que eu tinha agora seria talvez a de me levantar dali, não permitir que tudo no final do dia se reduzisse àquele arremedo do sono.

A vontade que eu tinha era, não sentia mais dúvidas, a de chegar ali em Bruce e sacudi-lo, arrancá-lo daquele sono que encolhia tão drasticamente o seu perfil diurno, arrancá-lo daquele sono e levá-lo a beber pelos bares que ainda encontrássemos abertos — admito, vagar pela madrugada à procura de bares abertos não parecia grande coisa para substituir o sono, mas então veríamos pelo menos o dia amanhecer, e com um pouco de sorte um carro da polícia pararia para nos pedir documentos e diríamos as piores ofensas para os policiais, vomitaríamos em suas botas, e seríamos presos por desacato à autoridade, e das grades da cela veríamos uma revoada

de pássaros migratórios, e aí sim saberíamos o quanto nos debatemos em vão, e nos surpreenderíamos forçados a aprender, os dois, pacientemente, uma nova coreografia, você de lá, eu daqui, os dois a ocupar, passo a passo, este único espaço de que disporíamos, estes sete metros por cinco, se tanto...

— Bruce, acorda — falo passando a mão na sua careca.

— Hein? — ele abre os olhos.

— Escuta, tenha calma, chegou a hora...

Bruce tenta sentar-se, atrapalha-se nos gestos por estar acordando fora da cama, apoio a sua cabeça no meu braço, lhe digo firme:

— Escuta, tenha calma, chegou a hora...

— Eu sei, percebi; quando peguei aquela trilha esburacada que veio dar aqui, senti que a coisa estava à beira de acontecer, entende?, eu poderia ter pego a estrada principal, lisa, bem pavimentada, e poderia ter chegado amanhã à tarde, mas quando apareceu a trilha, pensei: por que não vou logo por aqui e não precipito de uma vez com tudo?

— Foi melhor, sim, Bruce... agora você já sabe deste meu paradeiro, aqui, e estamos os dois prontos, não há mais nada a premeditar, a suspender, a avaliar...

— Sim, chegou a hora, eu sei, e é melhor que já esteja clareando, olha o céu, a luz...

— Vamos, então...?

— Vamos...

Quando acordamos deveria ser o início da tarde. O sol tomava toda a área de serviço. Reparei que nós dois suávamos muito. Então tocou o telefone.

Me adiantei e fui atender. Era de uma imobiliária. Um bom apartamento para alugar, amplo, arejado, dando para a horta de um convento, este apartamento pelo qual eu estava bem interessado, embora sem nutrir grandes esperanças de consegui-lo, visto que na lista da administradora havia mais sete ou oito pretendentes, este apartamento, me dizia ali ao telefone um funcionário, este apartamento era meu.

Voltei para a área de serviço. Bruce continuava deitado no chão. Ele me olhava.

— Sim? — ele falou.

— Consegui um bom apartamento. Já posso apanhar a chave hoje mesmo.

Peguei a mão de Bruce, ajudei-o a se levantar.

Tudo de repente se tornara um tanto solene, esquisito. Eu ia dobrando as roupas e as depositava meio ritualisticamente numa valise de segunda mão que eu comprara fazia pouco. Quando via uma camisa ou uma calça que acabara de colocar na valise eu respirava fundo, me vinham imagens mudas como a de uma velha vassoura varrendo folhas de uma calçada, figurações assim, rápidas e como que despojadas de uma motivação inicial, e eu me sentia a cumprir uma tarefa extrema, como se depois dali eu não tivesse que fazer malas nunca mais.

Bruce tinha ido à praia. Eu não via mais nada o que colocar dentro da valise, salvo a minha navalha de barbear. Fui no banheiro apanhá-la. Me olhei no espelho: a barba por fazer.

Enquanto passava a lâmina no queixo ouvi a porta do apartamento se abrir.

Bruce me olhava da porta do banheiro, de calção e uma toalha sobre os ombros.

— Você está indo? — ele perguntou.

— Estou — passei os dedos num minúsculo talho que eu recém fizera próximo ao lóbulo direito.

— Eu vou comer qualquer coisa, na geladeira tem uma coxa de galinha de ontem... depois vou dormir um pouco, de noite tem espetáculo — Bruce comentou vagaroso.

— Eu termino a barba, pego a chave do apartamento na imobiliária, e assumo ele hoje mesmo...

Ao abrir a porta do prédio de Bruce havia um mendigo sentado no degrau.

Quando passei ele agarrou a minha perna pedindo dinheiro para um pão.

Sacudi a perna com veemência e gritei qualquer coisa, como: me deixa, não fode seu pilantra, alguma coisa assim. Notei que ele me olhou com a expressão absolutamente incongruente para o modo como eu reagira, ele simplesmente não parecia ter qualquer reserva de rancor, não parecia já ter conhecido a condição de pedinte, estava ali, metido em seus brios, me olhando como a um vizinho.

Fui andando, andando com a minha valise na mão. Comecei a assobiar uma canção que falava em amores e amoras, descia a ladeira que era a rua do apartamento de Bruce pensando que a minha valise tinha um peso adequado para um só braço, nada que lembrasse uma previsível mudança de um domicílio para outro.

E este pensamento me deu umas cócegas na nuca, uma euforia me subiu e eu parei e me virei em direção ao mendigo sentado no degrau do prédio de Bruce, olhei para ele e botei a língua, e fiz cara

de macaco e careta de palhaço e não sei mais o quê, e dei uns passos de balé, e fiz evoluções com a valise, passando de uma calçada a outra, até que parei, cruzei as mãos no peito, compus um ar de Mater Dolorosa, e vi que só aí o mendigo riu, riu e bateu palmas...

Continuei descendo a rua, e tentei um esforço para me imaginar sendo observado lá detrás a descer a rua, mais ou menos com os olhos e o ângulo do mendigo. Chutei uma lata vazia de cerveja que vislumbrei por ali. E dobrei a esquina.

As ruas pareciam ainda mais sujas do que de costume. Às vezes eu precisava contornar sacos de plástico com lixo, dilacerados no meio da calçada. Em vários deles, cachorros e mendigos faziam a festa.

Abri a porta do meu apartamento. Da janela da sala eu via uma freira agachada colhendo um pé de alface. Um sino tocou três batidas rápidas. A freira apressou-se a entrar no convento com o pé de alface dentro de um avental que ela trazia contra o peito.

Ouvi o choramingar de uma criança. Esse choramingar parecia vir de trás de mim. Portanto de dentro do prédio. Me ajoelhei no chão da sala, abri a valise. A criança produzia um som fininho, tudo indicava já ter chorado até a última lágrima, e agora se mostrava quase sem forças, só conseguindo emitir aquele som nasalado de fôlego curto, com intervalos cada vez mais estendidos.

Tirei a camisa molhada de suor. Comecei a andar pelo apartamento, entrei num quarto, no outro, inspecionando vagamente os ambientes, como que para cotejá-los com a imagem que eu guardava deles.

— E essa criança não se acalma? — eu disse andando pelo apartamento, aproveitando para ouvir a minha voz.

Na porta da cozinha quase recuei, quase recuei porque o que descobri era uma ocorrência imprevista demais, uma ocorrência com sérias probabilidades de conturbar a minha chegada naquele apartamento.

A criança que eu ouvia a resmungar chorosa estava ali dentro, mais precisamente ali dentro da cozinha, de pé, os braços sobre as bordas da pia, a cabeça deitada de lado sobre os braços.

Um guri de uns sete anos, e quando ele me viu estancou os resmungos e se aprumou, ali, na minha frente.

— Quem é você? — perguntei.

Havia nele um silêncio opaco, à primeira vista com um quê de perturbador, como se este silêncio não se constituísse apenas num capricho infantil, mas tivesse a real função de tentar afogar algum distúrbio.

— Você não quer falar? — insisti.

Então me ajoelhei, que nem fosse falar com uma criança bem menor do que ele. Talvez, ao me ajoelhar, pretendesse imprimir na situação uma boa vontade, uma boa vontade que resultasse, quem sabe, numa espécie de tática adequada para desbaratar as suas armas sigilosas.

— E o teu nome?

Nada.

— Você deve estar fazendo o que aqui?, deixa eu ver: você nasceu do ralo desta pia e está agora sem saber como começar a viver, não é?... não, não é... então já sei: você mora sozinho aqui e

está com medo de mim, deste homem que invadiu o seu apartamento, pode ser?

Nada. Aquele garoto parecia ter choramingado sem esvair lágrima nenhuma. Os seus olhos estavam incrivelmente secos. Do nariz não era eliminado ranho algum.

— Hein... você não vai falar? — eu disse me levantando.

O garoto ali, o corpo cada vez mais duro, o ar cada vez mais turvo, de reação apenas um tique nervoso que o fazia momentaneamente apertar os olhos como se não quisesse ver.

— Nem uma palavra?, você não vai me contar o que está fabricando aqui no meu apartamento?, não vai me contar onde estão o seu pai e a sua mãe?

O garoto ali, impermeável para o estranho que acabara de aparecer naquela cozinha — quem sabe a única coisa que ele soubesse de si fosse que aquela cozinha de um apartamento no coração de Harmada representasse para ele o último refúgio, que eu vinha agora ameaçar...

— Você não quer saber quem sou eu?

Nessas alturas o olhar do garoto já não era turvo, era mais: o seu olhar parecia decididamente perdido, como se pertencesse a uma esfera cujo conteúdo nada daquilo que o cercava ali estivesse em condições de perceber.

— E se eu for um homem mau? — falei, e claro, me senti imediatamente desastrado.

Eu precisava consertar o que acabara de dizer, mas não me vinha a maneira. Começava a temer que aquele garoto já tivesse ultrapassado uma fronteira qualquer, e que eu ali não saberia fazê-lo voltar.

Então me saiu uma explosão, a mesma explosão aliás que eu tivera poucas horas atrás, diante do mendigo postado junto ao prédio de Bruce: aconteceu feito um relâmpago, assim de chofre: passei a imitar a cara do macaco na frente do garoto, as mãos abrindo as orelhas para torná-las de abano, de repente eu dissolvia tudo e fazia outra careta, súbito já virava cambalhotas no piso azulejado, eu me transbordava de mim a cada gesto, revirava os olhos sem que me desse tempo de pensar na próxima maluquice, tudo saía de mim de instantâneo — e, como sempre, sem pensar, resolvi me prostrar diante do garoto e beijar seu pé, e o garoto aí sim começou a soltar as mais fogosas risadas e repentinamente iniciou a expelir os linguajares mais engrolados e indecifráveis, acompanhados continuamente pelas gargalhadas e gritos guturais, rascantes, possessos de uma extremada euforia, e foi então que entendi que aquele garoto era mudo, o corpo todo dele estremecia de rir e de transmitir com engrolações a sua doida alegria, e eu disse no meio das micagens, você aí garoto, escuta agora o que tenho para lhe contar, e o garoto continuava a rir, a rir, e naquele instante olhava para a minha mão esquerda que ficara com o indicador espetado gratuitamente para um ponto no alto, e repeti, você aí garoto, escuta agora o que eu tenho para lhe contar, e o garoto continuava a rir, a rir, e entendi que o garoto como era de se esperar além de mudo era surdo, não mostrava nenhum sinal de que escutara a minha voz, e então fui para a sala, cocei a cabeça, dei alguns passos sérios pela sala, já sem nenhum trejeito, nenhuma energia forçada, e percebi que as risadas do garoto cessavam, pouco a pouco, mas que ele ainda não aparecera na sala, continuava

lá na cozinha, serenando suas risadas, e fui até a janela, vi que anoitecia, cocei a cabeça de novo, me perguntei:

— Quem é esse menino?

Uma freira passava pela horta do convento.

— O que farei com ele?

Os vitrais da capela estavam iluminados, e vozes começaram a cantar.

Anoitecia sim. E o canto que vinha da capela falava justamente no recolhimento da noite, depois de um dia assoberbado pela guerra.

— O que farei com ele?

As vozes eram quase diáfanas. Dava para se ouvir, perto, um grilo, bem baixinho, ainda incipiente.

— Quem é esse menino?

As minhas indagações como que se esvaneciam... eu próprio me sentia esvanecer...

A noite fora feita para aquilo. Um alívio manso, como o canto que saía da capela. Um canto do qual eu não divisava mais palavras.

A minha cabeça pendia à beira da janela. Entre baixas ramagens da horta vi uma bola de pano toda de retalhos, talvez de uma criança que a jogara ali e a abandonara.

Em minutos não se via mais a bola, a noite se adensara.

E quando tudo parecia se apagar o garoto gritou, gritou atordoantemente atrás de mim.

Eu me virei. O garoto pegou nos meus braços e começou a sacudi-los, ferozmente.

Senti um gosto quente de sangue na boca. Lembrei que o sangue deveria estar descendo do meu nariz.

Não havia mais o canto na capela. Não havia mais a horta. Nem a noite. Não havia quase nada.

Só um palco com um único e rarefeito spot acompanhando os passos meio esparsos do garoto mudo, que entra com uma camisa vermelha.

Ao alcançar o centro do palco o garoto mudo para e dá o mesmo grito que ele grita agora, a sacudir os meus braços com uma força insuspeitada.

Eu então arranco os meus braços de suas mãos. Acendo uma vela.

O garoto para de gritar.

Começo a fazer sinais com as mãos. Como se eu dominasse desde sempre a comunicação dos mudos.

Conto uma longa história que se desenrola na Pérsia, cheia de cavaleiros, de monstros, de assombrações nas curvas das estradas...

Um raio infame corta em duas a criança no colo da mãe. O cavalo branco relincha, ao longe o clarão roxo no céu.

Espadachins sustentam-se por um fio no duelo sobre o muro do castelo.

A dama imemorial entra no lago. Afoga-se. No fundo das águas descobre que a morte é um sonho, quando seres sem anatomia precisa a cercam e a convidam a participar de um negro jantar de seixos macios de limo.

As peripécias por que passa o herói são tantas que o garoto às vezes parece estar rodeado pelas mais variadas guloseimas sem saber em qual se concentrar.

De repente sinto as minhas mãos dormentes de cansaço. Pego o lenço do bolso.

Enxugo o suor das mãos.

Clareia o dia.

O menino adormeceu no chão da sala.

Apago a chama da vela com os dedos.

Vou até a janela. Respiro o ar fino da manhã.

— Não me abandona, eu quero mais...

A minha voz saiu como uma onda na arrebentação, como se viesse no ventre do mar alto e, de súbito, sem tempo de prever, começasse a se arremessar na superfície em direção à praia, arremessando-se cada vez mais rasa, mais rala, mais fraca, infiltrando-se vagarosa pela areia.

— Não me abandona, eu quero mais... — a minha voz mais uma vez extravasou um quase-nada pelo ar fino da manhã.

Lá em frente, ultrapassando o convento, a montanha já verdejava sob o sol.

— Não me abandona, eu quero mais...

Uma vez mais ouvi o meu pedido, parecia que eu estava a descobrir um mantra...

E antes que eu pronunciasse novamente reparei no ar: havia uma sobra qualquer, exígua, muito leve, quase transparente, a flutuar.

Era a primeira vez que eu via estes restos flutuantes, sem forma fixa, cambiantes, e eu soprei, soprei no ar, e percebi que as sobras esvoaçaram... Umas se foram, aos pedaços; outras quase, e ficaram resistindo por ali, mas por pouco tempo, até começarem a se desmanchar, lentamente...

A montanha, lá no fundo, verdejava sob o sol.

Quando me viro vejo a porta do apartamento aberta. O garoto não está mais dormindo no chão. Não está mais em lugar nenhum

do apartamento.

Desço as escadas a correr. Ele deixou a porta do prédio escancarada.

Vejo o garoto parado na esquina. Me aproximo. Ele me olha. A minha respiração aumenta de frequência.

Quando para ficarmos frente a frente falta apenas um dos dois atravessar a rua, passa entre nós uma formação de soldados a correr de calção e camiseta, eles gritam palavras ofegantes, quase bêbadas no ar fino da manhã, e correm ao ritmo da entoação destas palavras. Os últimos do grupo riem e trocam uns com os outros leves socos.

Eles passam. O garoto continua parado no outro lado da rua.

Aí vem o som de uma banda a desfilando no cruzamento a dois quarteirões dali. A banda toca a marcha de Harmada.

Lembro que é feriado, aniversário de Harmada.

Atravesso a rua. Olho as minhas mãos, estico e dobro os dedos, a exercitá-los.

Levanto as mãos com vontade. Inicio os sinais: conto para o garoto que hoje é o aniversário de Harmada.

É a data em que um homem chega de barco numa praia. Este homem vem de uma guerra ferido num dos braços.

Ele sai do barco segurando o braço ferido e cai de joelhos. Gotas de sangue na areia.

Ele pensa: nestas terras daqui vou fundar uma cidade. Vou me unir à primeira mulher que encontrar, se for criança espero ela crescer para gerar comigo, é preciso apenas que seja uma mulher e que eu a pegue algum dia em idade de procriar.

O sol era mais ou menos este de agora, a manhã ficando madura, e o homem olha para o alto, quase afoga a visão no sol. No ponto de perder o equilíbrio na vertigem dourada, ele se levanta.

Eu sou Pedro Harmada, grita esperando que alguém o escute.

Eu vou subir aquele morro, ele diz.

E finca no topo do morro uma baioneta solta que lhe restou da guerra.

Um grupo de estudantes saía de uma escola a poucos metros daquela esquina, bandeirinhas da cidade nas mãos.

Os colegiais levavam jeito de tímidos, as bandeirinhas baixas pouco tremulavam.

Mas ainda se ouvia a banda. E os músicos pareciam querer dizer que Harmada estava em festa.

O garoto pegou na minha mão e me levou, me levou longe, a muitos quarteirões dali.

Até o fim de uma rua sem saída, na parte velha da cidade. Havia no local um prédio de três andares, escuro, muito antigo, espantosamente úmido — de algumas fendas na fachada era vertida uma água rala e vagarosa, mas contínua...

E o garoto me pegou de novo na mão e apontou a campainha que ele não alcançava.

Topei o que poderia ser uma brincadeira e toquei a campainha.

Um homem jovem atendeu. Estava de calça preta, sem camisa.

— Sim? — ele perguntou.

Olhei para o garoto, aguardando receber dele alguma indicação para que eu pudesse inventar o que dizer.

Da boca não me saía palavra. Eu parecia ter me contaminado pelo silêncio do garoto.

— Sim? — o homem perguntou mais uma vez.

Eu e o garoto nos olhamos. Percebi que dele não viria socorro que me pudesse mostrar o que pensar, dizer.

— Sim, sou Pedro Harmada — o homem falou abrindo mais a porta.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de
Imprensa S.A.

Harmada

Resumo do livro

<http://educarparacrescer.abril.com.br/leitura/harmada-403577.shtml>

Skoob do livro

<http://www.skoob.com.br/livro/4295-harmada>

Miniensaio sobre o livro

<http://leonelteles.blogspot.com.br/2009/06/miniensaio-sobre-o-romance-harmada-de.html>

Wikipédia do livro

http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Gilberto_Noll

Site do autor

<http://www.joaogilbertonoll.com.br/>

Matéria sobre o autor no G1

<http://g1.globo.com/pernambuco/fliporto/2012/noticia/2012/11/joao-gilberto-noll-nao-utiliza-planos-nem-roteiros-para-dar-vida-livros.html>

Entrevista com o autor

<http://www.youtube.com/watch?v=C2IH3cBWvGI>

Capa

Rosto

Créditos

Livro

Colofão

Saiba mais